GUADALUPE MARCONDES DE MOURA

Produção audiovisual sobre surdez e língua de sinais: impacto em
familiares ouvintes de crianças surdas

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências

Área de Concentração: Comunicação Humana
Orientadora: Profa. Dra. Ida Lichtig

São Paulo
2009

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Roseleile Marcondes de Moura e Marco Marcondes de Moura por me proporcionarem a experiência maravilhosa de viver e pelo exemplo de perseverança naquilo em que se acredita.

Ao meu marido e melhor amigo Anibal Vivacqua pelo incentivo, compreensão e amor. Por acreditar em mim e conseguir enxergar além do que eu mesma, pelo cansaço, muitas vezes fui capaz. Nada disso teria sido possível sem você!

Ao meu filho Lui Drumond Marcondes Vivacqua por encher minha vida de alegria e coragem. Por me fazer acreditar no futuro, por me lembrar que é preciso paciência e dedicação para realizar sonhos.

A minha avó Geralda Viana Leite (*in memoriam*) que, com seu exemplo de simplicidade, suas mãos firmes e palavras carinhosas, me ensinou a amar o próximo e a desejar um mundo melhor para todos.

A minha sogra Lorena Marcondes de Moura que por tantas vezes, e com tanto carinho, cuidou de mim e do meu filho para que este estudo pudesse se realizar. “Ah, se todos no mundo fossem iguais a você...”.

Àqueles que de alguma forma trabalham para que TODOS possam ter direito à informação.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora **Profa. Dra. Ida Lichtig** que moldou, com seu exemplo de humanidade, trabalho e dedicação, meu ideal de docente e minha definição de profissionalismo. Por acreditar no projeto e em minha capacidade de realizá-lo, pelas palavras certas nos momentos certos.

A **Profa. Dra. Maria Inês Vieira Couto** pela disponibilidade, paciência e atenção, pelas valiosas sugestões e pelo exemplo de profissionalismo ético e competente.

A **Dra. Mariana Gomes** pelas traduções e, em especial, pela amizade e palavras de incentivo durante todo o processo.

A todos os amigos e excelentes **profissionais do LIF de Audiologia Educacional** da FMUSP pelas sugestões e trocas de experiências enriquecedoras.

Aos **pais e as crianças surdas** do LIF de Audiologia Educacional e da BRASCRI que nos ensinam o valor da família e são exemplos de superação e coragem e a todos os demais participantes da pesquisa pela compreensão e apoio.

Aos convidados especiais por sua amizade e colaboração nas filmagens: **Luciana Regina, Seisse Gabriela, Eduardo Pereira e família.**

Aos membros da banca do Exame de Qualificação **Dras. Maria Sílvia Cárnio, Renata Mamede Carvallo, Denise Barros, Maria Inês Vieira Couto e Fernanda Dreux** pelas inestimáveis orientações.

Ao músico **Adriano Rocha** pela parceria na criação da trilha sonora original e por, juntamente com sua equipe de profissionais, ter captado a essência do vídeo e abraçado o projeto.

Ao produtor e amigo **Guilherme Gomes** pela inestimável parceria técnica na edição do vídeo, pelos ensinamentos valiosos do programa de edição e por dedicar tempo e esforços ao objetivo de dar vida ao projeto.

A artista **Ana Lúcia Abisanrra** pela generosidade na execução da boneca “Gabi” e pela sensibilidade de captar a essência da personagem com base em uma simples fotografia.

A **Osmar Pereira** pela consideração e pelo trabalho de interpretação em Língua Brasileira de Sinais.

Ao meu marido **Anibal Vivacqua** pelo apoio nas filmagens, auxílio com o computador, pelo ombro amigo durante as madrugadas e muito mais.

A minha querida sobrinha-afilhada **Gabriela Marcondes Areias** – em quem me inspirei para criar a boneca “Gabi”, por emprestar sua voz à personagem dando a ela um significado maior do que eu podia desejar.

Ao meu tio **Rogério Viana Leite** pelo carinho de uma vida, pelos conhecimentos compartilhados em cinema e pelos livros que tanto me auxiliaram.

A **FAPESP** pela bolsa de mestrado que muito contribuiu para a realização deste estudo.

Especialmente a **Deus** que me confiou este trabalho e me proporcionou o convívio com todas essas pessoas maravilhosas.

Muito Obrigada!

Esta dissertação está de acordo com as seguintes normas, em vigor no momento desta publicação:

Referências: adaptado de *International Committee of Medical Journals Editors* (Vancouver)

Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Serviço de Biblioteca e Documentação. Guia de Apresentação de Dissertações, Teses e Monografias. Elaborado por Anneliese Carneiro da Cunha, Maria Julia de A. L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de Souza Aragão, Suely Campos Cardoso, Valéria Vilhena. 2a ed. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação; 2005.

Abreviaturas dos títulos dos periódicos de acordo com *List of Journals Indexed in Index Medicus*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Moura, Guadalupe Marcondes de

Produção audiovisual sobre surdez e língua de sinais : impacto em familiares ouvintes de crianças surdas / Guadalupe Marcondes de Moura. -- São Paulo, 2008.

Dissertação(mestrado)--Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional.

Área de concentração: Comunicação Humana.

Orientadora: Ida Lichtig

Descritores: 1.Surdez 2.Linguagem de sinais 3.Recursos audiovisuais 4.Filmes e vídeos educativos 5.Gravação de videodisco 6.Educação de pacientes como assunto 7.Comunicação em saúde

USP/FM/SBD-463/08

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE SIGLAS

RESUMO

ABSTRACT

1. INTRODUÇÃO	01
1.1. Objetivos	11
1.2. Justificativa e Hipótese	12
2. REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1. Conceitos	17
2.1.1. Comunicação em Saúde	17
2.1.2. Informação	20
2.2. Contextualização Histórica da Surdez e da Língua de Sinais	23
2.3. Contextualização Histórica dos Recursos Audiovisuais	30
2.4. Levantamento de Estudos sobre Produção Audiovisual com o Tema Surdez e Língua de Sinais	35
3. MÉTODOS	41
3.1. Produção do Recurso Audiovisual – Primeira Etapa	42
3.2. Utilização do Recurso Audiovisual – Segunda Etapa	47

3.2.1. Casuística.....	47
3.2.2. Local.....	49
3.2.3. Procedimentos.....	49
3.3. Análise dos Dados.....	51
4. RESULTADOS.....	54
4.1. Produção do Recurso Audiovisual – Primeira Etapa.....	55
Argumento de Roteiro.....	59
4.2. Utilização do Recurso Audiovisual – Segunda Etapa.....	73
5. DISCUSSÃO	76
6. CONCLUSÃO	86
7. ANEXOS	89
ANEXO A (Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa).....	90
ANEXO B (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)	92
ANEXO C (Proposta de Apoio Cultural).....	95
ANEXO D (Letra da Música “Gabi”).....	100
ANEXO E (Autorização para Uso de Imagem e Voz)	101
ANEXO F (Autorização para Filmagem em Locais Públicos ou Privados).....	102
ANEXO G (Protocolo Pré-intervenção: Dados de Identificação).....	103
ANEXO G1 (Características Sócio-demográficas dos familiares e das crianças surdas).....	104
ANEXO H (Protocolo Pós-intervenção: Sobre o Vídeo).....	107
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
9. CONSULTA BIBLIOGRÁFICA E FÍLMICA	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma dos cinco princípios básicos para a produção de um vídeo	43
Figura 2 - Personagem “Gabi”	56
Figura 3 - Produção do vídeo – Filmagem em estúdio: teste de iluminação	65
Figura 4 - Produção do vídeo – Filmagem em estúdio: marcação de posição e passagem do texto	66
Figura 5 - Tela que ilustra o funcionamento do software Nuendo 3.02 utilizado na dublagem da personagem “Gabi”	68
Figura 6 - Dublagem da personagem “Gabi”	69
Figura 7 - Tela que ilustra o funcionamento do software Nuendo 3.02 utilizado para a gravação da trilha sonora original.....	70
Figura 8 - Gravação da versão cantada da música “Gabi”	70
Figura 9 - Tela que ilustra crédito inicial do vídeo	72
Figura 10 - Tela que ilustra a primeira cena de interação entre a apresentadora e a personagem “Gabi”	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamento dos descritores pesquisados individualmente36

Tabela 2 - Levantamento dos descritores pesquisados inter-relacionados.....36

Tabela 3 - Critério da designação dos aspectos positivo e negativo para a
classificação das opiniões dos sujeitos.....52

Tabela 4 - Resultados do Teste do Sinal referente às respostas dos 28 sujeitos para
as 12 questões específicas sobre o DVD74

TABELAS DO ANEXO G1

Anexo, Tabela 5 - Levantamento dos descritores pesquisados individualmente ..104

Anexo, Tabela 6 - Levantamento dos descritores pesquisados
inter-relacionados..... 105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Amostra de artigos relacionados ao descritor “Recursos Audiovisuais”, pesquisados nas bases de dados Scielo, Lilacs e Medline38

Quadro 2 - Considerações dos familiares (Questão 15 do questionário), quanto aos comentários, críticas e sugestões ao vídeo75

LISTA DE SIGLAS

AMT	Aprendizagem Mediada pela Tecnologia
BRASCRI	Associação Suiço-Brasileira de Ajuda à Criança
CAPPesq	Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa do HCFMUSP e da FMUSP
CDP	Centro de Docência e Pesquisa
DVD	Digital Video Disc
ECAD	Escritório Central de Arrecadação e Distribuição
E.V.A	Ethil Vinil Acetat (Etileno Acetato de Vinila)
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases (da Educação Nacional)
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LIFAE	Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional
LS	Língua de Sinais
OMS	Organização Mundial de Saúde

RESUMO

Moura GM. *Produção audiovisual sobre surdez e língua de sinais: impacto em familiares ouvintes de crianças surdas* [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2009. 120p.

Tema: Recurso Audiovisual Informativo. **Objetivos:** Desenvolver e exibir DVD informativo sobre surdez e língua de sinais, verificando o impacto desse material sobre familiares ouvintes de crianças surdas. **Método:** Este estudo compreendeu 2 etapas: 1) criação, produção e edição do DVD; 2) exibição deste para 28 famílias ouvintes de crianças surdas da cidade de SP. O procedimento consistiu na aplicação de protocolos pré e pós-intervenção, intermediado pela “Intervenção” onde o DVD foi apresentado. Na fase de pré-intervenção os sujeitos preencheram a Ficha de Identificação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na fase de pós-intervenção responderam a um questionário com 15 questões, sendo 12 específicas sobre o material produzido. **Resultados:** Para a 1ª etapa do estudo foram necessários 28 meses entre o processo de criação e edição, com base em cinco fases para a produção de um vídeo, resultando em um DVD de 15 minutos sobre os temas surdez e língua de sinais com a participação de uma personagem em espuma (“puppet” articulado) que atua com a pesquisadora na apresentação dos temas citados. Na 2ª etapa foram levantadas as opiniões dos familiares sobre o DVD: 90% o consideraram “ótimo”, 100% o consideraram um meio adequado para esclarecer dúvidas, 90% afirmaram que tê-lo assistido quando receberam o diagnóstico da perda auditiva teria contribuído para minimizar a angústia. O vídeo foi considerado de “muito fácil” e “fácil” compreensão por 100%, seu conteúdo considerado suficiente por 90% dos sujeitos. As respostas foram analisadas pelo Teste do Sinal. As opções das 12 questões do questionário foram classificadas em “aspectos positivos” e “aspectos negativos”, onde $p \leq 0,05$ indicavam diferença significativa. Das 12 questões, 11 receberam avaliações significativamente mais positivas e 01 sem significância. **Conclusão:** Os resultados demonstraram grande aceitabilidade ao vídeo por parte dos sujeitos, indicando que o mesmo cumpre seu papel como material educativo informativo evidenciando a relevância destes na área da saúde, tendo produzido um impacto positivo sobre a opinião dos sujeitos da pesquisa.

Descritores: Surdez, Linguagem de Sinais, Recursos Audiovisuais, Filmes e Vídeos Educativos, Gravação de Videodisco, Educação de Pacientes como Assunto, Comunicação em Saúde.

ABSTRACT

Moura GM. *Production of audiovisual about deafness and sign language: impact on deaf children's hearing parents* [MSc dissertation]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2009. 120p.

Background: Informative Audiovisual. **Aim:** To develop a DVD about Deafness and Sign Language (SL) and to ascertain the impact of this material exhibition upon deaf children's hearing families. **Method:** This study comprised two stages: 1) creation, production and edition of the DVD; 2) presentation of the DVD to 28 deaf children's hearing families. The procedure consisted in the application of pre and post-intervention protocols, intermediated by the "intervention" which was the DVD exhibition. In the pre-intervention phase, subjects filled up the Identification Form and signed the Informed Consent Term. In the post-intervention phase, they answered a questionnaire with 15 questions (12 about the DVD). **Results:** The first stage lasted 28 months from the creation and edition process until the finalization of a 15 minutes video based in the five phases DVD production. The DVD content comprised the themes on deafness and sign language, presented by the researcher and an articulated puppet (a foam character). In the second stage the opinions about the DVD were analyzed and the results were that, 75% of the participants considered the video great, 25% good; 100% considered it a good way to clarify doubts; 92,86% affirmed that if they had watched it by the time they received the diagnostic of deafness of their children it would have contributed to diminish their anguish; the video was considered "very easy" and "easy" to understand by 96,43; The topics of the video were considered sufficient by 92,86%. Data was submitted to statistical analysis by using Sign Test with significance level of 5%. The possible responses for the 12 questions of the questionnaire were classified as "positive" or "negative" aspects. Eleven of the 12 questions received significantly more positive than negative evaluation. **Conclusion:** The video produced a positive impact upon subjects' opinion, indicating that it fulfilled its role of informative educative material, evidencing its relevance in the health area.

Descriptors: Deafness, Sign Language, Audiovisual, Educative Films and Videos, Recording of Videodisc, Education of Patients, Communication in Health.

1. INTRODUÇÃO

A idéia para a realização deste estudo tomou forma durante a atuação da pesquisadora como especializanda no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica de Audiologia Educacional (LIFAE) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), no decorrer do ano de 2004. Consolidou-se a partir da oportunidade de sistematizar questionamentos antigos – surgidos em 1997, enquanto aluna de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) – onde ocorreu seu primeiro contato com a Comunidade Surda e com a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Na graduação em Fonoaudiologia iniciou-se a busca por conhecimentos relacionados a estes indivíduos e sua língua, fomentando o desejo de realizar um trabalho que pudesse contribuir para a melhor qualidade de vida das pessoas surdas.

O termo *Qualidade de Vida* é discutido por inúmeros autores recebendo uma série de definições ao longo dos anos. Constitui-se em um conceito muito complexo, podendo ser definido como multidimensional. Para Maya (1984), o conceito de qualidade de vida compreende “a satisfação adequada das necessidades biológicas e a conservação de seu equilíbrio (saúde), a manutenção de um ambiente propício à segurança pessoal, a possibilidade de desenvolvimento cultural e o ambiente social que propicia a comunicação entre os seres humanos, como base da estabilidade psicológica e da criatividade”. Portanto, o termo *qualidade de vida* utilizado no presente estudo, pode ser entendido como referência a uma harmonia dinâmica entre o indivíduo, sua saúde, sua família, seu trabalho e sua comunidade. Pressupõe conhecimento, conscientização e mudança de atitude. Aspectos que podem ser favorecidos por meio da Informação.

Segundo Limongi-França (2004), a informação pode alterar o quadro de qualidade de vida, onde a aprendizagem oferece meios de mudança nos estilos de vida que venham a melhorar a saúde. “Para as grandes questões de saúde, a informação bem difundida é muito mais eficaz do que o hospital” (Limongi-França, 2004). Constata-se, dessa forma, o importante papel da informação, sendo ela potencialmente capaz de promover mudanças e melhorar a qualidade de vida de quem se informa.

Mas, e aqueles que têm o papel de informar? E os profissionais que lidam com as pessoas surdas e suas famílias? Estariam preparados para orientá-los da melhor forma? Esses questionamentos resultaram na realização de um estudo – “Conhecimento dos Fonoaudiólogos Especializando Sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras” (Marcondes e Lichtig, 2004), cujo objetivo era conhecer a visão destes profissionais sobre a Libras, sua interação com esta língua e com seus pacientes surdos. Participaram desta pesquisa 30 sujeitos, sendo 15 especializando de instituições públicas e 15 de instituições particulares da cidade de São Paulo, nas áreas de audição, voz e linguagem. Os resultados foram reveladores: 36,8% dos entrevistados não orientavam seus pacientes surdos e/ou familiares sobre os tipos de reabilitação disponíveis. Dos 63,2% que o fazem, 58,3% optam por indicar exclusivamente a abordagem oralista. Quanto a Libras, 57,9% já ouviram informações pejorativas sobre a mesma, 52,6% tem opinião desfavorável ou com alguma ressalva e 73,7% só indicariam a Libras a seus pacientes como segunda opção, no caso de insucesso da terapia oralista, 15,8% não indicaria seu uso em nenhuma circunstância. Contudo, verificou-se que 47,3% dos sujeitos apenas se aproximavam da definição correta para “Libras”, 47,4% afirmavam

não terem tido informação sobre esta língua na graduação e 70% dos que receberam consideram as informações inadequadas ou insuficientes, 73,7% dos entrevistados afirmam que sua atuação poderia ser beneficiada por um conhecimento maior sobre Libras. Tais resultados revelam a falta de informação por parte destes profissionais e apontam para a necessidade de atualização tanto na formação do fonoaudiólogo como em uma mudança com relação à postura frente ao direito do surdo de usar esta língua, em cumprimento ao que é garantido pela Lei Federal nº 10.436, de 24/04/02 (“Lei de Libras”) e pelo Decreto nº. 5.626, de 22/12/05 que regulamenta esta lei.

Outro aspecto relacionado aos resultados da pesquisa acima citada e que se constitui como tema de reflexão contido também no presente estudo tem relação ao conceito de surdez que os fonoaudiólogos, de uma maneira geral, costumam ter. Grande parte destes profissionais se identifica ao conceito de surdez, e por consequência de surdo, a partir de uma visão médica. Nesta perspectiva a surdez é do campo do discurso da medicina e se caracteriza através dele pela diminuição da acuidade e percepção auditiva, o que dificulta a aquisição de linguagem oral de forma natural. A surdez neste campo é vista como uma deficiência e se caracteriza principalmente pela perda auditiva, e, portanto, busca solução na concepção clínico-terapêutica no sentido de “normalizar” o surdo, utilizando estratégias artificiais para tanto.

Ocorre que para compreendermos o conceito de “surdo” apresentado neste trabalho precisamos abandonar o campo discursivo da medicina deslocando o olhar para além da deficiência, tendo como foco principal o indivíduo surdo e sua diferença.

Com o advento da filosofia bilíngüe – abordagem educacional para surdos em que a língua da comunidade surda e a língua da comunidade ouvinte são usadas sucessiva ou simultaneamente, Skliar (1980) propõe uma mudança no conceito vigente para o termo “surdez”, vista, até então, como uma designação da patologia que afeta a audição, e a pessoa portadora desta doença como deficiente auditivo. Sob a ótica do bilingüismo a surdez passa a ser vista como um aspecto da identidade lingüística da pessoa surda. O Surdo, com “S” maiúsculo passa a designar uma minoria lingüística, com cultura e identidade próprias.

Tais considerações se fazem necessárias, pois concepções de surdez e pessoa surda, língua de sinais (LS), outras modalidades de língua disponíveis aos surdos, entre outros fazem parte das temáticas abordadas neste estudo.

Os resultados obtidos na pesquisa com os fonoaudiólogos especializando¹ fortaleceram a idéia da necessidade de conhecer o nível de informação (ou de desinformação) disponível em relação a esta língua sob a ótica da família ouvinte. Assim, no decorrer do desenvolvimento do projeto que deu origem ao presente estudo, outras questões surgiram, tais como: “O que os pais de crianças surdas realmente sabem sobre a LS?”, “Ao procurar ajuda profissional o direito das famílias à informação e orientação sobre as diversas opções terapêuticas/educacionais disponíveis para o surdo está sendo respeitado?”, “As famílias têm conhecimento sobre as comprovações científicas já realizadas sobre as LS?”, entre outras.

Há mais de 40 anos pesquisadores (Stokoe, 1960; Sánchez, 1993; Quadros, 1997; Cárnio, Couto e Lichtig, 2000; Kyle, 2001; Woll, 1998) realizam

¹ Estudo premiado no I Simpósio de Especialização e Aprimoramento em Fonoaudiologia da FMUSP recebendo menção honrosa, em 2004.

estudos sobre as LS e consolidam, com seus trabalhos, o valor desta modalidade de língua na comunicação e na educação das pessoas surdas. Contudo, ainda que as pesquisas sobre aquisição de linguagem tenham avançado muito a partir dos anos 60, o reconhecimento lingüístico das LS ocorreu apenas no século XX. No Brasil, a Libras começou a ser investigada na década de 80 (Ferreira-Brito, 1986) e seu processo de aquisição, nos anos 90 (Karnopp, 1994). Segundo Capovilla (1998) “as línguas de sinais surgem de maneira espontânea, pela utilização de gestos e por mímicas realizadas por um grupo de indivíduos surdos. Tal grupo convencionam e desenvolvem certos padrões gestuais próprios para cada objeto, ação, estado psíquico e emocional”. Segundo este autor o aperfeiçoamento de tais padrões alcança a complexidade existente em qualquer língua falada, contendo todos os aspectos lingüísticos pertinentes a uma língua: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Atualmente, as LS, apoiadas em pesquisas lingüísticas, neurolingüísticas, psicolingüísticas, entre outras, alcançaram o status de primeira língua para os surdos. Uma das grandes contribuições destas pesquisas é nos mostrar que os seres humanos podem se desenvolver lingüisticamente, tanto através de palavras quanto de sinais, o que significa dizer que a pessoa surda, dentro de condições favoráveis, fará uso da função da linguagem e desenvolverá seu potencial comunicativo. Apenas o meio para alcançar este objetivo será diferente entre surdos (pela modalidade de língua viso-espacial) e ouvintes (modalidade de língua auditivo-oral), segundo Cárnio, Couto e Lichtig, 2000.

Atualmente, com base nos estudos lingüísticos e neurológicos, já não há mais dúvida quanto ao benefício das LS para o desenvolvimento lingüístico, cognitivo e emocional da criança surda. A literatura, no que se refere ao campo da neurologia, demonstra que os circuitos neurais para a língua de sinais funcionam de maneira muito semelhante, ou idêntica, ao processamento cerebral da língua oral – o que demonstra que a LS é tão completa e complexa como qualquer outra língua. A diferença fundamental é a natureza do estímulo sensorial – no caso das LS essa natureza é viso-espacial.

Segundo Costa (2005) a percepção visual tem especial importância nas mais diferentes culturas, “dividindo com a audição o posto de principal instrumento cognitivo do ser humano. Essa preferência pela visão sobre os demais sentidos se deve ao desenvolvimento dos recursos mentais de processamento dos estímulos luminosos. O que distingue nossa visão, dos outros animais é o elaborado sistema de funções cerebrais que organizam os dados dos sentidos transformando-os em conhecimento, experiência e memória”.

Rocha (2003) que realizou um estudo eletroencefalográfico da funcionalidade cerebral da Libras, descreve como esse circuito neural para a LS ocorre: “as áreas lingüísticas, não sendo mais ativadas a partir da área auditiva verbal, serão ativadas a partir de áreas de processamento visual (Nishimura et al, 1999; Söderfeldt et al, 1997; Emmorey et al, 2001). As áreas visuais primárias se associam a área de representação de movimento das mãos (que se encontra na região parietal esquerda). Essa área passa a fornecer a informação necessária para as áreas de Wernicke e Broca codificarem a ação dos verbos e a semântica dos nomes. Outras áreas visuais

serão recrutadas para a identificação da sua relação em relação ao corpo, ao seu formato e sua direção. (Ishai et al, 2000; Kanwisher et al, 1997; Maunsell et al, 1995; Nakamura et al, 2000; O'Craven et al, 2000; Riesenhuber et al, 1999; Young, 1995; Emmorey et al, 2001). Essas áreas se acham distribuídas no córtex temporal bilateralmente”.

Ainda segundo Rocha, na conclusão de seu estudo, a LS é a forma de comunicação ideal para o surdo, “e isso se comprova cientificamente pela facilidade natural do homem de associar áreas cerebrais responsáveis por todas as informações visuais veiculadas pela Libras às áreas cerebrais responsáveis pela significação dos nomes (Wernicke), das ações (Broca) e das sentenças (área frontal esquerda)”. Para o autor os resultados obtidos em sua pesquisa podem contribuir para que se compreenda o funcionamento cerebral da Libras, e corroboram a afirmativa de que a LS é uma língua tão complexa e sofisticada como qualquer outra. Este autor afirma que “no Brasil seu uso ainda se encontra mal difundido, e sua compreensão mal estudada. Torna-se necessário uma maior atenção tanto por parte dos pesquisadores quanto por parte dos educadores, para tornar a língua de sinais uma língua fluente entre aqueles que dela necessitam e aqueles que convivem com surdos”. (Rocha, 2003).

Segundo Kyle (2001), diante das evidências dos benefícios trazidos pelas LS, parece óbvio que o contato precoce com esta língua fosse disponibilizado a todas as crianças surdas e incentivado por todos os segmentos da sociedade. Pesquisadores como Sánchez, 1993; Quadros, 1997; Cárnio et al., 2000; Kyle, 2001; Woll, 1998; Rodrigues, 1993, concordam que a exposição da criança surda a um ambiente lingüístico favorável, com a LS,

deveria acontecer o mais cedo possível, contudo, apesar das pesquisas e de ser um direito constituído (Lei Federal nº 10.436, de 24/04/02 e Decreto nº. 5.626, de 22/12/05), ainda não temos em nossa realidade um esforço maciço para que todo surdo tenha seu direito de acesso à LS respeitado e facilitado.

Segundo Woll (1998), 95% dos surdos em todo o mundo são filhos de pais ouvintes que não dominam a LS. Trata-se de um quadro grave, pois significa que a maior parte das pessoas surdas (1,5% da população brasileira, conforme dados da Organização Mundial da Saúde)², não está se desenvolvendo lingüística, cognitiva e emocionalmente como deveria.

O uso da LS como meio de comunicação com os surdos ainda é precário seja em casa, nas escolas ou nos consultórios fonoaudiológicos (Lodi, 2000; Quadros, 1997; Cárnio, Couto e Lichtig, 2000; Kyle, 2001; Silva e Pereira, 2003). Os resultados do estudo com os fonoaudiólogos especializando evidenciam a falta de informação, a presença de idéias pré-concebidas ou incorretas que despontam, entre outros fatores, no cerne dos motivos que levam à atitude de não proporcionar ao surdo o contato com esta língua (Marcondes e Lichtig, 2004).

A informação, portanto, como processo ("O que uma pessoa conhece muda quando o sujeito se informa.") e como conhecimento ("A noção de informação como aquela que reduz a incerteza..."), conforme conceitua Buckland (1991), se apresenta como instrumento valioso podendo contribuir para mudar a realidade atual dos surdos. Este trabalho tem como meta disponibilizar informações em linguagem clara sobre as concepções de surdez

² No Brasil poucos estudos revelam a prevalência da deficiência auditiva e a sua etiologia. A OMS estima que 1,5% da população brasileira (cerca de 3 milhões de pessoas) sejam portadoras de algum grau de perda auditiva. Bassetto MCA. *Triagem auditiva em berçário*. In: Neonatologia: um convite à atuação fonoaudiológica, 1998.

e pessoa surda, LS, outras modalidades de língua disponíveis aos surdos (Bilingüismo, Oralismo), legislação e atuação fonoaudiológica para que se fortaleça a noção de respeito à pessoa/Cultura Surda. Entre muitas batalhas, para garantir este respeito é preciso que a LS seja conhecida e reconhecida.

O meio escolhido para que estas informações fossem veiculadas é o que optamos chamar de Recurso Audiovisual, considerado como instrumento capaz de transmitir informação preventiva e, nesta perspectiva, este estudo visa à promoção de saúde (saúde mediada pelo audiovisual). É no convívio com a família que as crianças iniciam e dão continuidade ao seu processo de constituição enquanto sujeitos e, por isto, a importância deste trabalho de base. É fundamental ajudar a família a ser mais positiva, contribuir para uma mudança de postura frente à surdez e ao futuro dos filhos surdos. É com a família que essa mudança deve iniciar. Através de informações e orientações adequadas espera-se que o trabalho contribua para a melhor qualidade de vida das pessoas surdas e seus familiares.

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral deste estudo é desenvolver e exibir um recurso audiovisual com informações sobre surdez e LS, verificando o impacto do mesmo sobre um grupo de familiares ouvintes de crianças surdas da cidade de São Paulo.

Os objetivos específicos são:

- a)** Criar, produzir e editar um vídeo informativo educativo (formato da mídia em DVD intitulado “Surdez e Língua de Sinais”) dirigido a ouvintes e surdos, onde serão disponibilizadas informações sobre a LS, as concepções sobre surdez e pessoa surda, modalidades de língua disponíveis aos surdos (Bilingüismo, Oralismo), legislação e atuação fonoaudiológica;
- b)** Exibir o vídeo aos sujeitos da pesquisa;
- c)** Verificar o impacto do vídeo sobre os sujeitos realizando uma avaliação de suas opiniões pessoais quanto ao mesmo.

1.2. JUSTIFICATIVA E HIPÓTESE DA PESQUISA

A Fonoaudiologia ao longo de sua história se ocupa e contribui, entre outros, com avanços nos estudos e práticas relacionados à audição humana, contudo, ainda que os recursos audiovisuais pareçam ter – por sua característica auditiva e visual – uma relação estreita com a ciência que se dedica a comunicação humana, tais recursos – em especial na área de Audiologia Educacional, não configuram entre os materiais mais utilizados para promover acessibilidade a informações sobre surdez e LS a pacientes e seus familiares ou a população em geral.

O uso do vídeo, com diferentes temáticas, é bastante difundido em outras áreas como a Saúde Pública e a Educação, por exemplo. A FIOCRUZ destaca-se no cenário de produção de materiais informativos/educativos em saúde. O projeto desenvolvido pela Faculdade de Educação da USP “Direito à Educação: focalizando a surdez” (Prieto et al., 2007) que compreende um material composto por caderno de apoio e vídeo, é mais uma das contribuições da Educação para o tema e demonstra a preocupação da área com a formação dos professores que, em uma política de inclusão, estão envolvidos com as discussões referentes ao aluno surdo e sua língua. Há iniciativas na área da Audiologia com materiais audiovisuais sobre Implante Coclear e iniciativas comerciais, tais como o trabalho desenvolvido pela LSB vídeos educativos em LS. Instituições como FENEIS e INES também dão sua contribuição sobre a temática surdez e LS por meio do vídeo. Há uma série de outras iniciativas, inclusive internacionais, tais como os materiais didáticos disponíveis para comercialização em publicações distribuídas pela Forest Books (2008),

demonstrando que o audiovisual – produção de materiais científicos e não científicos, é bastante utilizado e preconizado para informar/educar. De fato, a saúde mediada pelo audiovisual é velha conhecida da medicina.

Contudo, em Audiologia Educacional verifica-se uma escassez de materiais em formato DVD com caráter informativo educativo sobre temas como os propostos neste estudo (concepções sobre surdez e pessoa surda, LS, outras modalidades de língua disponíveis aos surdos, legislação e atuação fonoaudiológica), entre outros temas potencialmente interessantes a surdos e ouvintes.

Estudos comprovam que cerca de 95% da aprendizagem do ser humano se dá por meio do ouvido e da visão associados, assim como conteúdos audiovisuais tendem a ser mais facilmente memorizados e retidos do que se fossem apenas vistos ou escutados separadamente (Ferrés, 1996).

O audiovisual por sua característica fortemente auditiva e visual, o que o torna um meio de informação acessível ao ouvinte e ao surdo – este último por meio do sentido da visão – foi escolhido para mediar a realização deste estudo (Informação como Coisa: “Objetos portadores da qualidade de carregar o conhecimento ou comunicar informação”, Buckland, 1991), pois se apresenta como um meio potencialmente capaz de levar informações a surdos e ouvintes de maneira igualitária, sendo, portanto, um meio democrático de informação. Utilizando-o de forma preventiva – comunicando informações que visem à educação de base em saúde, o Recurso Audiovisual constitui-se importante instrumento nas ações de promoção em saúde. Além disso, trata-se de material com relativo baixo custo para exibição, de fácil manuseio e transporte (DVD e aparelho de reprodução).

É importante ressaltar que não propomos o vídeo como panacéia para a questão da informação ou como substituto do papel fundamental que desempenha o Fonoaudiólogo na mediação entre o paciente surdo e seus familiares e o processo de construção do conhecimento sobre a surdez. O mesmo apresenta-se como um dos materiais que potencialmente se somam aos importantes meios já produzidos e ao trabalho já realizado pelos profissionais da área, contribuindo para ampliar seus esforços em produzir mudanças na qualidade de vida destas pessoas.

Enfatiza-se o importante papel do vídeo como instrumento de trabalho para o Fonoaudiólogo – a utilização do audiovisual como mediador na sua prática clínica, docente. Propomos a atuação do Fonoaudiólogo como videasta – o que demonstraremos possível no decorrer deste trabalho.

Este estudo apoiou-se nas seguintes hipóteses: O Fonoaudiólogo pode contribuir ativamente (Fonoaudiólogo videasta) com o desenvolvimento (criação, produção, edição) de materiais audiovisuais que informem, eduquem sobre temas pertinentes a Fonoaudiologia, neste caso, vídeo sobre surdez e LS. Esse material, idealizado em linguagem clara e acessível, pode contribuir como veículo de informações para o público em geral (surdos e ouvintes) e no contexto deste estudo produzirá um impacto positivo sobre a opinião de um grupo de familiares ouvintes de crianças surdas. Esperamos demonstrar a aceitabilidade de materiais dessa natureza pelo telespectador, em concordância com outros estudos (Boog et al, 2003; Medeiros e Nunes, 2001), enfatizando, dessa forma, o potencial dos recursos audiovisuais como significativa ferramenta de trabalho também na área da Audiologia Educacional.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste estudo o capítulo Revisão da Literatura está dividido em 4 partes. Na primeira são apresentados alguns conceitos básicos para a compreensão da temática abordada nesse estudo: Comunicação em Saúde e Informação.

Na segunda parte é revista, em contexto mundial, a história da surdez e da LS.

Na terceira são abordados aspectos da história do audiovisual e seu uso como meio de disseminação de informação, especialmente na área da saúde.

Na quarta e última parte é feito um levantamento de artigos, nas bases de dados Medline, Lilacs e SciELO, onde foram selecionados os estudos referenciados no período de 1997 a 2008, com os seguintes descritores (conforme normas da BIREME): Surdez, Linguagem de Sinais, Recursos Audiovisuais, Filmes e Vídeos Educativos, Gravação de Videodisco e Educação de Pacientes como Assunto. Este levantamento tem o objetivo de verificar o número de publicações, na última década, que versam sobre produção audiovisual com o tema “Surdez e Língua de Sinais”, com caráter informativo e/ou educativo em todas as áreas (saúde, educação, entre outras).

2.1. CONCEITOS

2.1.1. Comunicação em Saúde

De forma ampla Comunicação refere-se ao processo de “compartilhar e interagir, que ocorre entre seres vivos e, embora a comunicação falada seja a forma de comunicação mais utilizada, há outras modalidades, tais como a leitura, a escrita, a linguagem corporal, o olhar e a língua de sinais” (Hartley, 1997).

Para Castells (2004) a comunicação consciente do sujeito é o que determina a especificidade biológica da espécie humana, portanto, “utilizando a linguagem podemos expressar nossa visão de mundo, intercambiar experiências além de possibilitar a devida compreensão, seja dos símbolos ou das imagens”.

O termo “Comunicação” também pode se aplicar aos *meios de* e à Ciência da Comunicação Social que, se relacionando a saúde, apresenta interfaces históricas importantes, como demonstra o interessante artigo sobre saúde e comunicação de Natansohn (2004) que discorre sobre a relação histórica entre esses dois temas no Brasil, da década de 20 aos dias atuais.

Se, na atualidade, ter acesso aos meios de comunicação significa a possibilidade de ter acesso à informação em um contexto crítico e positivo, na década de 70, como nos situa a referida autora, “a concepção do processo comunicativo reduzia os meios e discursos a meras ferramentas de transmissão e reprodução de mensagens ideológicas, obscurecendo a complexidade cultural do processo comunicativo e social”, dessa forma,

“assistir TV, ouvir rádio, ler meios impressos eram pensados como momentos de desapropriação e alienação, aos quais era preciso resistir, denunciar e desmistificar”. Tal concepção, analisada e justificada sob o contexto político da época, refletia as tensões políticas e sociais pelas quais o país passava e tem relação direta com “o engajamento dos intelectuais com os processos nacionais de luta ativa contra as formas culturais do colonialismo e imperialismo norte-americano”, como afirma a autora.

Já na década de 80, a comunicação em saúde recebe fortes críticas, uma vez que vinha sendo aplicada com forte sentido comercial – para a oferta de bens de saúde, tais como medicamentos e planos. Ainda que atualmente este debate prossiga, pois os interesses comerciais continuam ditando fortemente os rumos dos interesses públicos em saúde, o papel da comunicação, nesse contexto de críticas, é revisto e passa a ser dado mais importância ao seu aspecto estratégico para efetivar as mudanças que se queriam promover na saúde brasileira. Historicamente, em saúde pública, o surgimento do HIV-AIDS também se constituiu em uma realidade que lançou novo olhar sobre o pensar em saúde e comunicação.

A Comunicação em Saúde surge, como afirma Moisés (2003), não apenas para informar, mas principalmente como “chave, dentro do processo educativo, para compartilhar conhecimentos e práticas que podem contribuir para a conquista de melhores condições de vida”. A autora diz haver um reconhecimento de que “a informação de qualidade, difundida no momento oportuno, com utilização de uma linguagem clara e objetiva, é um poderoso instrumento de promoção da saúde”. É preciso dar atenção a aspectos fundamentais no processo de comunicação em saúde que “deve ser ético,

transparente, atento aos valores, opiniões, tradições, culturas e crenças das comunidades, respeitando e considerando e reconhecendo as diferenças, baseando-se na apresentação e avaliação de informações educativas, interessantes, atrativas e compreensíveis” (Moisés, 2003).

Após as mudanças provocadas pelas reflexões na década de 80 os avanços nas relações entre comunicação e saúde são visíveis e os anos 90 tornam-se um marco entre as duas áreas, em especial, no âmbito acadêmico com diversas iniciativas: “Instituições de ambos os campos têm criado núcleos de referência, assessorias e grupos de trabalho que vêm promovendo o debate na temática em diferentes fóruns, realizando pesquisas, editando publicações, capacitando profissionais da saúde e da comunicação” (Natansohn, 2004).

As discussões acerca da comunicação em saúde continuam avançam nos dias atuais e há ainda muitos aspectos a serem debatidos, como por exemplo, o papel da Imprensa na veiculação de informações em saúde, vista como um importante instrumento midiático responsável por pautar assuntos de interesse social – ligada ao conceito de Comunicação Pública, ao Jornalismo Público ou Cívico (Freitas, 2006).

O advento da democracia possibilitou à imprensa cumprir, no campo da saúde, o importante papel de despertar na comunidade o sentido da participação coletiva nos assuntos relacionados à saúde. Kucinski (2000) refere: “A concepção desse novo direito de cidadania ativa, no campo da saúde, confere à informação jornalística sobre saúde, sobre políticas públicas e terapias de saúde, um valor político na esfera da cidadania, além de seus valores pedagógicos tradicionais em campanhas sanitárias e na medicina preventiva, ou de seu entendimento como “jornalismo de serviço”.

O direito à informação é, portanto, uma premissa da democracia e um dever dos instrumentos de comunicação. Natansohn (2004), finalizando sua discussão, propõe uma reflexão que muito se harmoniza com a deste estudo: “propomos que a pergunta sobre como melhorar a saúde mediante a comunicação seja substituída pela pergunta: como e o que se precisa para criar condições comunicativas que favoreçam a promoção da saúde?”.

Nesta perspectiva os recursos audiovisuais podem ser utilizados como ferramentas na criação dessas condições favoráveis.

2.1.2. Informação

O acesso à informação, especialmente com a chegada do século XXI e suas inovações tecnológicas, ocupa uma posição de destaque nas discussões referentes à apreensão do conhecimento. Praticamente todas as áreas do conhecimento humano estão permeadas pelas tecnologias da informação e comunicação. Os meios audiovisuais – por seu conceito dinâmico, inclusive como recurso informativo – são compreendidos como instrumentos mediadores entre o mundo e o ser humano, desempenhando papel importante no acesso ao conhecimento e, desta forma, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade.

A etimologia da palavra informação, nos leva ao latim *formatio*, com o sentido "de representar, apresentar, criar uma idéia ou noção" ou "dar forma, ou aparência, pôr em forma, formar" alguma coisa (Zeman, 1970). E, embora estes termos nos remetam à idéia de conhecimento, é importante registrar que, como alerta Pinheiros (2004), ainda que aja grande relação entre os dois –

como evidenciado no parágrafo anterior, conhecimento e informação são distintos e, portanto, não são considerados sinônimos.

A discussão sobre informação e conhecimento na literatura específica é bastante complexa e evidenciada pelos trechos a seguir, extraídos dos escritos de Pinheiros (2004) em que são apresentadas as idéias de Hayes (1992) sobre o tema: Informação é definido como "(...) propriedade de dados (isto é, símbolos registrados) os quais representam (e medem) efeitos de seu processamento". Para o autor existem relações entre termos significativos: "fato (aspectos do fenômeno), dado (representação), informação (processamento do dado), compreensão (comunicação), conhecimento (integração e acumulação) e decisão (uso da informação)". Continuando o autor afirma: "Conhecimento também tem uso excepcionalmente difuso, mas a diferença entre ser informado e ter conhecimento é que o primeiro, como algo externo, pode ser recebido, e o segundo, interno, não pode ser recebido e é criado internamente" (Hayes, 1992).

Existem diversos conceitos de informação desenvolvidos, em especial, por estudiosos do campo da Ciência da Informação e muitos autores defendem, inclusive, a existência de diferentes conceitos para diferentes usos da informação. De maneira mais abrangente, Le Coadic (1996) afirma que "informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual".

Pinheiro (2004) nos lembra que a "informação" é tradicionalmente relacionada a documentos impressos e a bibliotecas, "quando de fato a informação de que trata a Ciência da Informação, tanto pode estar num diálogo entre cientistas, em comunicação informal, numa inovação para indústria, em

patente, numa fotografia ou objeto, no registro magnético de uma base de dados ou em biblioteca virtual ou repositório, na Internet”.

Contextualizando a informação historicamente há um fato bastante marcante para a Ciência da Informação e que ocorre nos Estados Unidos, na década de 70. Trata-se da publicação de um artigo considerado emblemático sobre a "Ciência da Informação e o fenômeno da informação", elaborado por Belkin e Robertson, (1976), do qual se origina a famosa definição: "informação é o que é capaz de transformar estruturas".

Nesta linha de pensamento, Buckland (1991), estudioso da História da Ciência da Informação, afirma que há três usos fundamentais da informação: Informação como Processo (“O que uma pessoa conhece muda quando o sujeito se informa”); Informação como Conhecimento (“A noção de informação como aquela que reduz a incerteza...”); e Informação como Coisa (“Objetos portadores da qualidade de carregar o conhecimento ou comunicar informação”).

O recurso audiovisual apresentado neste estudo faz parte do que se conceitua como “Tecnologia da Informação”, ou seja, recursos tecnológicos e computacionais utilizados para recuperar, armazenar, organizar, tratar, produzir e disseminar a informação. Está relacionado ao conceito de informação como “Coisa”, assim como o define Buckland (1991). Na perspectiva deste autor, constata-se o importante papel da informação, sendo ela potencialmente capaz de promover mudanças e melhorar a qualidade de vida de quem se informa.

2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SURDEZ E DA LÍNGUA DE SINAIS

Historicamente as LS passaram por um longo e árduo processo de aceitação, assim como os próprios surdos. Há registros históricos de que nos tempos primitivos Gauleses sacrificavam crianças surdas ao Deus Tutátis. Na antiguidade, especificamente no Antigo Egito, foi produzido o Papiro de Brungsch (séc. XVI a.C.) que apresenta receitas contra a surdez. O Papiro de Ebers (séc. XV a.C.) contém vários textos sobre inúmeras doenças e deficiências físicas e sensoriais. Em um deles se discorre com clareza sobre a surdez ("Livro de Uchedu").

Durante séculos a crença de que o surdo não seria capaz de aprender ou ser responsável por seus atos foi justificada com base em textos clássicos (sacros e seculares). Aristóteles, no Século IV a.C., por exemplo, supunha que a aprendizagem ocorresse através da audição. Surdos seriam, portanto, menos educáveis que cegos. Os Romanos privavam os surdos de qualquer relação com aspectos legais. Surdos e pessoas com outras deficiências somente eram empregadas em bordéis, circos e tavernas para serviços simples e, às vezes, humilhantes.

A Idade Média foi também um período cruel para as pessoas surdas, pois estas não teriam acesso à salvação, já que segundo Paulo (Epístola aos Romanos) “a fé provém do ouvir a palavra de Cristo”. Esta crença gerou motivação, séculos mais tarde, para que religiosos, como o abade L'Epée, trabalhassem com surdos resgatando seus sinais. Nesta época os surdos

somente eram respeitados juridicamente se falassem. Só assim poderiam tomar posse de sua herança.

Na Idade Moderna, no Séc. XVI, Jeronimo Cardano (1501-1576) médico, matemático e astrólogo italiano questionou Aristóteles quanto à capacidade de aprendizagem do surdo e criou um código para ensiná-los a ler e a escrever.

Pedro Ponce de Leon (1510-1584), um frade Beneditino espanhol, é considerado o primeiro educador de surdos. Não deixou registro de seus métodos, mas o depoimento escrito por alguns de seus alunos indicam que o frade utilizava a combinação de sinais com o esforço concentrado na escrita. Teria inventado um alfabeto manual como instrumento de acesso à escrita e à leitura para só então enfatizar a fala.

No Século XVII, Jean-Paul Bonet publicou em 1620 a primeira obra impressa sobre a educação de surdos, intitulada “Redação das letras e arte de ensinar os mudos a falar”. Bonet foi um crítico dos métodos brutais da época: gritaria e enclausuramento do aluno surdo em caixas de ressonância.

Abbé Charles Michel de L'Épée – o Abade L'Épée, na França de 1755 reuniu surdos dos arredores de Paris e criou a primeira escola pública para surdos. É considerado por muitos historiadores o precursor no uso da LS. A metodologia utilizada por ele fez sucesso, mas teve curta duração pelo fato de ter sido desacreditada pela medicina e pela filosofia da época (Sabanai, 2006). Kant, em 1793, afirmou que os surdos nunca chegariam aos conceitos gerais porque seus sinais nunca seriam capazes de representar uma generalidade.

Ainda que alguns esforços estivessem sendo feitos por nomes já citados, tais como Cardano, Leon, Bonet e L'Épée, a idéia de que o surdo era incapaz de aprender continuou a ser disseminada no Século XVIII e XIX, por

filósofos da linguagem. Apesar desta realidade, na segunda metade do século XVIII, havia dois métodos de ensino de surdos que se destacaram: Método Francês (Abade l'Epée), em Paris, que se baseava em um sistema artificial de sinais e o Método Alemão (Heinicke), em Hamburgo, que enfatizava o desenvolvimento da oralização.

A partir do Congresso de Milão (1880), o Método Oralista tornou-se dominante. Em consequência a educação do surdo reduziu-se ao ensino da oralização, professores surdos foram expulsos, a LS foi banida e a Comunidade Surda foi excluída da política das instituições de ensino, pois a consideravam um perigo para o desenvolvimento da fala (Sacks, 1990). Em decorrência destes fatos, o nível educacional do surdo caiu muito em comparação ao dos ouvintes.

No Brasil, o marco da educação de surdos ocorreu com a fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro em 1857. Esta instituição, à época, preconizava a educação sob os métodos oralistas, a exemplo de outras instituições educacionais pelo mundo. Em 1896, contudo, o professor do Instituto, A. J. de Moura e Silva, a pedido do Governo Brasileiro, viajou para o Instituto Francês de Surdos, para avaliar a decisão do Congresso de Milão e concluiu que o método oral puro (Oralismo) não era adequado para todos os surdos (Brasil - Rinaldi, 1997).

No Século XX, em 1904, na cidade de Saint Louis – EUA foi promovido o Congresso Mundial de Surdos, que se destacou pelo combate ao Oralismo, beneficiando o método de comunicação por sinais.

Em 1911, precedendo a Lingüística, a Psicologia reconheceu o status lingüístico da LS. O fundador da Psicologia Experimental, Wilhelm Wundt, foi o primeiro acadêmico a defender a concepção da LS como idioma autônomo e do surdo como um povo com cultura própria. Para a Lingüística, em 1916, entretanto, a LS ainda não era considerada objeto de estudo. Concebiam-na como forma inferior de comunicação, afirmando se tratar de mero uso de gestos, com vocabulário limitado e sem estrutura gramatical.

A década de 60 deu início a uma série de mudanças definitivas para o posicionamento da LS e do surdo diante da história. Foi nesta década, por exemplo, que o Oralismo começou a sofrer duras cobranças, pois o método não estava sendo capaz de demonstrar sucesso indiscutível em atingir seus objetivos, tanto em termos de desenvolvimento de fala, como de leitura e escrita. Desta década até o final do século XX, na tentativa de melhorar os resultados do método oralista, surgiram muitos avanços metodológicos e tecnológicos:

1960 – Desenvolvimento dos AASI;

1970 – Projetos de intervenção precoce e novos modelos de gramática;

1980 – Novos desenvolvimentos na acústica dos AASI e programas de computador para auxiliar a percepção da fala;

1990 – Implante Coclear e programas de treino auditivo intensivo nos primeiros anos de vida.

Mesmo com todo esse aparato tecnológico e indiscutíveis casos de sucesso individual, o Oralismo não foi capaz de alcançar o objetivo maior de permitir aos surdos, em geral, a aquisição e o desenvolvimento normal da linguagem (Capovilla, 2001).

Outro momento importante desta época se refere à correção histórica da Lingüística a partir dos estudos do Americano Lingüista William Stokoe, considerado um marco para o entendimento da definição de línguas naturais até então compreendidas como sendo propriedade das línguas faladas. Com as pesquisas iniciadas por Stokoe nos anos 60, desencadeou-se o processo definitivo para o reconhecimento das línguas na modalidade sinalizada.

Com a fase de abertura para a LS, a educação foi considerada ponto chave para o resgate e a valorização desta língua e da Cultura Surda. A Educação Especial no Brasil apareceu pela primeira vez na LDB 4.024, de 1961. A lei afirmava que “a educação dos excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação”.

Em 1970, sob o impacto de pesquisas sobre a estrutura da LS, inclusive na neurologia, educação, sociologia e antropologia, a filosofia educacional Oralista cedeu lugar à filosofia educacional da Comunicação Total – que defende a utilização de todos os recursos lingüísticos, visuais ou orais ao mesmo tempo. No Brasil isso ocorreu mais tardiamente, nos anos 80. Porém, assim como ocorreu com o Oralismo, em meados da década de 1970 começaram a surgir problemas para os quais a Comunicação Total não tinha respostas. Uma das questões dizia respeito ao fato de que a comunicação entre crianças surdas e comunidade ouvinte melhorara drasticamente com a adoção do método, mas as habilidades de leitura e escrita não.

Pesquisas da época concluíram que com o uso do método as crianças não estavam obtendo uma versão visual da língua falada, mas sim uma amostra lingüística incompleta e inconsistente. Como consequência as crianças

não estavam se tornando bilíngües, mas sim hemilíngües, ou seja, sem acesso pleno a nenhuma das línguas.

Com a disseminação das pesquisas e o aprofundamento da compreensão da complexidade lingüística das LS, surge a expectativa de que a própria LS natural da Comunidade Surda poderia ser o veículo apropriado para a educação e o desenvolvimento cognitivo e social da criança surda. Nesta perspectiva concretiza-se a filosofia do Bilingüismo – abordagem educacional para surdos em que a língua da comunidade surda e a língua da comunidade ouvinte são usadas sucessiva ou simultaneamente – a partir da Suécia (1983), primeiro país a reconhecer politicamente os surdos como uma minoria lingüística com direitos políticos assegurados à educação da LS e na língua falada.

No Brasil, no final da década de 80, essa proposta começou a se destacar e a ser defendida por profissionais influenciados pelos estudos divulgados pela universidade americana Gallaudet University Library, em Washington, que utiliza a ASL (Língua Americana de Sinais) e também sob a influência do que já se vinha discutindo sobre Bilingüismo em outros países da America Latina, a partir das reflexões propostas por Sánchez (Venezuela) e Behares (Uruguai).

Ainda no Brasil, em 16 de maio de 1987, foi criada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, instituição de direito privado, sem fins lucrativos e atuante até os dias atuais; dirigida apenas por surdos. Trabalhando em prol da Sociedade Surda e tendo como objetivos a luta pela garantia e defesa dos direitos lingüísticos e culturais dessa população, a FENEIS é reconhecida por propagar a importância da Libras.

Com o advento da filosofia bilíngüe, Skliar (1998) propõe uma mudança no conceito vigente para o termo “surdez”, vista, até então, como uma designação da patologia que afeta a audição, e a pessoa portadora desta doença como deficiente auditivo. Sob a ótica desta abordagem a surdez passa a ser vista como um aspecto da identidade lingüística da pessoa surda. O Surdo, com “S” maiúsculo passa a designar uma minoria lingüística, com cultura e identidade próprias.

Na atualidade as discussões sobre o Bilingüismo continuam avançando, trata-se, pois, de um “Bilingüismo em processo”, em que as experiências se somam para a compreensão cada vez mais profunda desta abordagem, inclusive quanto à atuação do fonoaudiólogo dentro da mesma. No Brasil, como precursores na apresentação de propostas neste sentido, temos nomes como Lodi (2000), Moura (2000) e Lichtig (2004).

A surdez e a LS, bem como os conceitos de pessoa surda, envolvidos nesta contextualização histórica, continuam no centro das discussões mais recentes, ocupando espaço de reflexão de teóricos das mais diversas áreas: saúde, educação, política, mídia, entre outras. No Brasil, acontecimentos recentes dizem respeito ao reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), pela Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que a regulamenta.

2.3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E USOS DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS

Desde os primórdios o ser humano busca inúmeras formas para se expressar, para representar, esclarecer e documentar idéias por meio de recursos auditivos e visuais. Assim, “ações como riscar no chão um itinerário, assinalar os perigos existentes pelo caminho, marcar o ponto exato onde se encontrava a caça, desenhar nas paredes das cavernas e pintar, foram, certamente, os primeiros mapas de orientação dos homens primitivos, cuja elaboração foi sem dúvida, um auxílio visual para a linguagem incipiente e lacunosa” (Costa, 1962).

Exemplo da evolução do homem em direção a uma comunicação mais eficiente é a escrita, desenvolvida por pelo menos cinco povos dentre os quais se destacam os antigos sumérios, acádios, babilônios e assírios. Dois mil anos antes de Cristo surgiu o primeiro alfabeto da humanidade – criação atribuída aos fenícios, e que possibilitou com que a escrita fosse realizada com um pequeno número de sinais, além de viabilizar sua divulgação, já que os fenícios mantinham atividades de navegação e comércio com outros povos (Pretto, 1996).

No século XV, a invenção da imprensa por Guttenberg possibilitou uma inovação na comunicação com o advento do jornal, das revistas e dos livros. Outro meio que rapidamente se difundiu e permitiu registrar, conversar e reproduzir todos os tipos de som foi o rádio. Em 1912, ele começa a ser difundido abrindo caminhos para uma utilização mais intensa no pós-guerra.

Músicas de todos os gêneros, jornais falados, canto, teatro, passam a se espalhar rapidamente em todas as partes do mundo (Pretto, 1996).

Impulsionados por avanços tecnológicos a criação da fotografia ocorreu na 1ª metade do século XIX e o cinema em 1895 quando os irmãos franceses Louis e Auguste Lumière realizaram a projeção de dois pequenos filmes em um café parisiense, retratando registros da vida cotidiana: "A Saída dos Operários da Fábrica" e "Chegada de um Trem à Estação". No Brasil, as primeiras exibições cinematográficas ocorreram em 1896, primeiramente no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, expandindo-se por outras grandes cidades do país.

Uma nova etapa na era da comunicação humana se iniciou a partir da linguagem cinematográfica e televisiva por constituir-se em um importante agente de informação, tornando mais acessível o contato do homem com o que ocorre a sua volta e no mundo: episódios históricos, documentários, ficção, arte, ciência, lazer, entre outros. Uma de suas mais importantes características – a visual, é fundamental para a compreensão do impacto que esta linguagem obteve sobre o ser humano: “Do ponto de vista da comunicação, as linguagens visuais são mais universais do que as verbais e as sonoras. Somos capazes de compreender o sentido de uma imagem e de nos aproximarmos daquilo que seu autor quis dizer, mesmo que outros aspectos do contexto cultural em que foi criada nos sejam estranhos”. (Costa, 2005)

As décadas de 50 e 60 foram extremamente importantes quanto ao aspecto de desenvolvimento técnico do vídeo, uma vez que nesta época, com o fomento de grandes empresas eletrônicas, ocorreram grandes avanços tecnológicos envolvendo este material, tais como a origem do primeiro

gravador de fita de vídeo produzido pela empresa Ampex e utilizado pela BBC na Inglaterra. Impulsionado pela crescente disputa de mercado na fabricação de equipamentos eletrônicos e de comunicação, no final da década de 60, o vídeo passa a ser utilizado em ambiente doméstico e, como refere Bortoliero (2002), “pode finalmente ser pensado como um meio em si”.

Segundo o panorama histórico traçado pela referida autora é na década de 70 que o vídeo ganha significação criativa. Entre as décadas de 70 e 80 surgem novos sistemas de gravação – mais econômicos e acessíveis do que o cinema e a fotografia, “mas é somente no final do século XX, que ocorre a grande transformação com os sistemas de gravação e edição digitais, tornando o vídeo um meio apropriado economicamente e adaptado à velocidade da pós-modernidade” (Bortoliero, 2002).

Quanto ao aspecto digital não se poderia deixar de mencionar o computador – um dos tipos de tecnologia da informação e da comunicação – que possibilita a digitalização de todas as mídias. Essa tecnologia constitui, por meio da internet, sites, blogs, chats, e-mails, um espaço de educação e informação.

Segundo Basso e Amaral (2006) o futuro será visual e digital. Assim, “se faz necessário a familiaridade com os meios de produção audiovisual, ressaltando a existência dos analfabetos audiovisuais, aqueles que embora imersos em sociedades tecnológicas, não possuem recursos para manejar e traduzir os signos que são enviados através dos aparatos eletrônicos”.

Em saúde os recursos audiovisuais têm sido empregados como ferramenta comunicacional de informações em diversas áreas. Do vídeo cassete aos recursos utilizados, mais recentemente, pela telemedicina que

constituí-se, segundo o Conselho Federal de Medicina, na Resolução CFM nº.1.643/2002, Art. 1º como “o exercício da Medicina através da utilização de metodologias interativas de comunicação audiovisual e de dados, com o objetivo de assistência, educação e pesquisa em Saúde”.

Bargmann (2000), que enfoca aspectos práticos da produção audiovisual, bem como discorre sobre a produção em si no âmbito da Universidade de São Paulo (USP), afirma que: “a universidade como ambiente onde se desenvolve a ciência, através da pesquisa, e se reproduz o pensamento científico, através do ensino, é também um ambiente propício às atividades do audiovisual. O avanço científico dos séculos XIX e XX permitiram a criação de tecnologias da imagem e do som, desde a fotografia aos web sites, que tão profundamente marcam o mundo contemporâneo”. O autor resgata a produção de vídeos na USP como forma de verificar as atuais condições de produção dos mesmos na instituição, analisando que “a Universidade de São Paulo, em mais de 60 anos de história, abrigou diversas iniciativas de produção de filmes e vídeos vinculados a atividades de ensino, pesquisa e extensão”, contudo foram detectadas, em seu estudo, constantes que indicam a necessidade de se estabelecer políticas para o audiovisual na Universidade.

Estudos com o objetivo de analisar materiais informativos e educativos em saúde foram realizados, especialmente em Saúde Pública. Pimenta, Leandro e Schall (2007) analisaram diversos materiais desta natureza entre os que foram produzidos com o tema Leishmaniose, por exemplo, e discorrem sobre os muitos aspectos envolvidos com a concepção histórica de produção audiovisual em saúde e as inapropriações observadas, entre elas o uso da

linguagem para atingir o público alvo. Entre seus achados os autores revelam que: “(...) a análise dos vídeos demonstra como os materiais audiovisuais são potencializadores de percepções diversas, podendo reforçar representações estereotipadas e formas de dominação, em vez de contribuir com a educação em saúde. Ao focar e apelar às emoções, os vídeos analisados revelam um discurso que apela ao horror e à empatia, ambas inviabilizando formas construtivas de educação em saúde”.

Monteiro, Vargas e Cruz (2006) analisaram o uso de termos para referenciar materiais educativos: “Embora prevaleça nos estudos o uso do termo material educativo, foram encontradas outras denominações, quais sejam: recurso educativo (e de comunicação); material de apoio; material informativo; instrumento comunicacional; recurso/material audiovisual; material instrucional, recurso educativo”. “(...) tal diversidade pode indicar possíveis variações dos fundamentos educacionais que apóiam o uso desses materiais”. No caso da forma utilizada neste estudo para se referir ao DVD produzido, optou-se pelo termo “Recurso Audiovisual”, pois o mesmo proporciona uma aproximação com a concepção de entendimento deste material como um instrumento a ser utilizado pelos interessados. Um dos recursos possíveis para se mediar educação em saúde (mídia-educação).

2.4. ESTUDOS SOBRE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COM O TEMA SURDEZ E LÍNGUA DE SINAIS

Em junho de 2008 foi realizado um levantamento de artigos via Biblioteca Virtual em Saúde, nas bases de dados Medline, Lilacs e SciELO, onde foram selecionados os estudos referenciados no período de 1997 a 2008, com os seguintes descritores em português (conforme normas da BIREME): Surdez, Linguagem de Sinais, Recursos Audiovisuais, Filmes e Vídeos Educativos, Gravação de Videodisco e Educação de Pacientes como Assunto.

Estes descritores foram utilizados individualmente e inter-relacionados, pesquisados por meio da opção “pesquisar por: formulário avançado”, no campo “descriptor de assunto”, para obtenção do número de estudos aqui apresentados. Após o levantamento geral inter-relacionado foram excluídos os artigos que não faziam referência a materiais informativos ou educativos de caráter audiovisual abordando os temas surdez e LS.

A Tabela 1, a seguir, mostra o levantamento nas três bases de dados, com os descritores pesquisados individualmente.

Tabela 1 - Levantamento dos descritores pesquisados individualmente

<i>Base de Dados</i>	<i>Descritores</i>					
	Surdez	Linguagem de Sinais	Recursos Audiovisuais	Filmes e Vídeos Educativos	Gravação de Videodisco	Educação de Pacientes como Assunto
MEDLINE	5.286	539	1.038	0	72	29.630
LILACS	415	43	165	0	0	29
SCIELO	89	26	07	0	0	04
Total de Ocorrências	5.790	608	1210	0	72	29.663

A Tabela 2 a seguir mostra o levantamento nas três bases de dados, com os descritores inter-relacionados:

Tabela 2 - Levantamento dos descritores pesquisados inter-relacionados

<i>Base de Dados</i>	<i>Descritores</i>				
	Surdez e Linguagem de Sinais	Surdez, Linguagem de Sinais e Recursos Audiovisuais	Surdez, Linguagem de Sinais e Filmes e Vídeos Educativos	Surdez, Linguagem de Sinais e Gravação de Videodisco	Surdez, Linguagem de Sinais e Educação de Pacientes como Assunto
MEDLINE	299	0	0	0	04
LILACS	20	0	0	0	0
SCIELO	07	0	0	0	0
Total de Ocorrências	326	0	0	0	04

Conforme o levantamento apresentado nas tabelas acima é possível verificar, na pesquisa individualizada dos descritores citados, a ocorrência de 5.790 artigos relacionados à Surdez; 608 a Linguagem de Sinais; 1.210 a Recursos Audiovisuais; 72 relacionados à Gravação de Videodisco; 29.663 a Educação de Pacientes como Assunto e nenhuma ocorrência para Filmes e Vídeos Educativos.

Realizando, nas 03 bases de dados citadas, uma exploração aleatória dos artigos relacionados a Recursos Audiovisuais, maior foco de interesse do presente estudo, verificou-se a existência de trabalhos realizados em diversas áreas do conhecimento com predominância nas áreas de Saúde e Educação, com temáticas variadas, entre elas: avaliação de materiais didáticos, propostas de critérios para a produção de audiovisuais, produção de audiovisuais informativos, entre outros.

Alguns dos artigos relacionados ao descritor “Recursos Audiovisuais”, de caráter educativo e/ou informativo, são apresentados no quadro a seguir para melhor contextualização das ocorrências:

Quadro 1 - Amostra de artigos relacionados ao descritor “Recursos Audiovisuais”, pesquisados nas bases de dados Scielo, Lilacs e Medline, em junho de 2008

Título do Artigo	Autor	Data	Base de dados
A influência do vídeo de informação adicional em pacientes submetidas à mastectomia: o estudo da ansiedade	Medeiros e Nunes	2001	Scielo
Utilização de vídeo como estratégia de educação nutricional para adolescentes: “comer... o fruto ou o produto?”	Boog et al.	2003	Scielo
Explorando recursos simples de informática e audiovisuais: uma experiência no ensino de fluidos	Clebsch, Mors	2004	Scielo
O uso de filmagem em pesquisas qualitativas	Pinheiro et al.	2005	Scielo
Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas	Fischer	2007	Scielo
Diseño y Edición de un audio visual, como medio para la modificación de la actitud frente al tratamiento protesico en pacientes de la tercera edad	Cubides et al.	1997	Lilacs
Uso de vídeo educativo para orientação de pacientes e acompanhantes em sala de espera	Jung e Cassapula	2001	Lilacs
Evaluation of the impact of printed matter, video, and multimedia on the learning/teaching process in tropical diseases	Sarmiento e Souza et al.	2001	Lilacs
Audisee: um sistema FM audiovisual	Kozlowski, Gagné	2002	Lilacs
Consejos útiles para la elaboración y empleo de las diapositivas como medio de enseñanza	Escalona, Martínez	2007	Lilacs
A influência de vídeos documentários na divulgação científica de conhecimento sobre a Aids	Camargo et al.	2008	Lilacs
I'm listening, but I can't hear you	Widner-Kolberg	1999	Medline
The impact of a video intervention on the use of low vision assistive devices	Goldstein et al.	2007	Medline
Evaluation of the addition of video-based education for patients receiving standard pre-chemotherapy education	Kinnane, Thompson	2008	Medline
A new technique for presentation of scientific works: video in poster	Bozdog	2008	Medline

Quanto a presente amostra de artigos cumpre esclarecer que todos aqueles diretamente relacionados a vídeo dão ênfase aos aspectos positivos do uso destes materiais como instrumentos educativos e de informação. Os

resultados dos estudos citados demonstram, segundo seus autores, as vantagens na utilização dos recursos audiovisuais, quer seja no ganho de tempo para informar se comparado a estratégia de informação oral, quer seja na sua capacidade potencializadora de educar e agregar conhecimentos.

Já no levantamento inter-relacionado dos descritores verificou-se uma diminuição significativa de artigos à medida que a pesquisa se tornava mais específica. Foram encontradas 326 ocorrências no total relacionadas à Surdez e Linguagem de Sinais; 04 a Surdez, Linguagem de Sinais e Educação de Pacientes como Assunto e nenhuma ocorrência que relacionasse os descritores Surdez e/ou Linguagem de Sinais aos descritores Recursos Audiovisuais, Filmes e Vídeos Educativos e/ou Gravação de Videodisco. Dentre as 326 ocorrências relacionadas à Surdez e Linguagem de Sinais há uma média de dois a cada dez artigos que explicitam a utilização de recursos audiovisuais (vídeogravação) como instrumento para realizar o registro dos dados da pesquisa e posterior transcrição e análise dos mesmos. Mas, não há referência direta ao uso do recurso audiovisual como tema central dos estudos, ou a produção de um material audiovisual em si.

Nas 04 ocorrências de inter-relação entre Surdez, Linguagem de Sinais e Educação de Pacientes como Assunto, os artigos não dizem respeito ao uso de recursos audiovisuais como estratégia de informação e/ou educação tendo como tema a surdez e a LS, ainda que o teor desses artigos diga respeito ao campo da informação para pacientes em outros assuntos.

Verificou-se que quando os descritores Educação de Pacientes como Assunto e Recursos Audiovisuais são inter-relacionados, 132 ocorrências são disponibilizadas na base de dados Medline e nenhuma ocorrência nas bases

Lilacs e Scielo. Contudo, é importante frisar que estes artigos encontrados na Medline não aparecem relacionados aos descritores Surdez e/ou Linguagem de Sinais. Não foram, portanto, alvo da presente análise que tem como cerne a questão em torno da informação sobre surdez e LS.

Este levantamento, nas referidas bases de dados, evidencia a ausência de publicação de trabalhos científicos, em especial, na área da Audiologia Educacional com interface entre LS e surdez utilizando filmes e vídeos educativos como estratégia de informação em saúde.

3. MÉTODOS

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – CAPPesq (Anexo A), sob o parecer nº. 876/06. Os sujeitos da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), em conformidade com a resolução 196/96, autorizando a realização dos procedimentos e a publicação dos resultados.

O método descrito neste estudo compreende duas etapas distintas e complementares: a primeira refere-se ao processo de produção de um recurso audiovisual (DVD) informativo educativo sobre surdez e língua de sinais; e a segunda etapa diz respeito à exibição do material para um grupo de familiares ouvintes de crianças surdas e o levantamento do impacto produzido pelo mesmo sobre a opinião destes sujeitos.

A seguir a descrição de cada uma das etapas.

3.1. PRODUÇÃO DO RECURSO AUDIOVISUAL (Primeira Etapa)

A primeira etapa deste estudo compreendeu o processo no qual a pesquisadora criou, produziu e editou um vídeo informativo educativo (em formato DVD) com 15 minutos de duração contendo temas básicos sobre concepções de surdez e pessoa surda, LS e outras modalidades de língua disponíveis aos surdos (Bilingüismo, Oralismo), legislação e atuação fonoaudiológica – este conteúdo foi definido com base nas dúvidas trazidas pelos pais ouvintes de crianças surdas participantes do Grupo de Apoio a Pais, em um trabalho que vem sendo realizado há 10 anos no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional (LIFAE) da

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). O DVD produzido foi intitulado “Surdez e Língua de Sinais – vídeo 1” e conta com a participação de uma personagem em espuma, boneca articulada, com 60 cm de altura – a menina “Gabi”, que atua com a pesquisadora na apresentação dos temas citados.

As fases desse processo seguiram os cinco princípios básicos para a produção de um vídeo, segundo Nascimento (1995) e encontram-se representadas pela Figura 1, a seguir.

Figura 1. Fluxograma dos cinco princípios básicos para a produção de um vídeo

A seguir, estas fases são apresentadas de forma a se conhecer os procedimentos adotados e os materiais utilizados:

1) Definição da idéia/tema: ocorreu a partir dos questionamentos da pesquisadora (interseção entre Pedagogia e Fonoaudiologia) e a realização do estudo com fonoaudiólogos especializando (motivador da questão a cerca da importância de disponibilizar informações). Nesta fase algumas decisões foram tomadas: critério de acessibilidade para o surdo (quadrante em Libras, legenda); idealização e confecção da personagem “Gabi” e ações, em âmbito acadêmico e comercial, para o levantamento de recurso financeiro e/ou humano (colaboradores) com envio de propostas (Apoio Cultural - Anexo C) e reuniões.

2) Pesquisa sobre a realidade a ser filmada: nesta fase foram feitas as revisões bibliográficas e filmicas. O levantamento das dúvidas trazidas pelo grupo de pais do LIFAE se somou as discussões nas reuniões de equipe do laboratório, aos resultados do estudo com os fonoaudiólogos especializando e a experiência no contato com os surdos para a definição do conteúdo a ser abordado no vídeo.

3) Elaboração do roteiro: nesta fase o argumento de roteiro (consta do item Resultados) foi criado. Nele constam todas as diretrizes que possibilitam a realização da fase seguinte. O tempo necessário para a realização das três primeiras fases citadas até o momento foi de 22 meses.

4) Realização do roteiro: trata-se da primeira etapa técnica, com a coleta de imagens e entrevistas (filmagens em estúdio e externas). Nesta fase ocorreu o estudo para a manipulação da personagem; a letra da trilha sonora original foi escrita (Anexo D); os termos de Autorização para Uso de Imagem e Voz (Anexo E) e para Filmagem em Locais Públicos ou Privados (Anexo F) foram elaborados e procedeu-se a coleta de imagens e entrevistas. Todas as

imagens externas (todas aquelas realizadas fora do “estúdio”) foram filmadas pela pesquisadora que utilizou os seguintes materiais:

- 01 Câmera Mini-DV Sony DCR-TRV22;
- 04 Fitas Mini-DV Sony Premium Digital Videocassete – DVM60;
- 01 Tripé Velbon CX 200.

Para a filmagem “em estúdio” – onde interagem a apresentadora e a personagem “Gabi” – foram utilizados os seguintes materiais:

- 01 Câmera Sony PD-170;
- 01 Microfone lapela sem fio Sony;
- 01 refletor de luz genérico de 300 Watt.

Dentre as providências técnicas enumeram-se ainda: ida ao estúdio profissional de som para a dublagem da personagem, gravação do instrumental da trilha sonora e voz cantada e filmagem do intérprete de LS. Para a finalização da dublagem e da trilha sonora foram necessárias 6 horas de gravação. Para a dublagem da personagem os materiais utilizados foram:

- Softwear Nuendo 3.02;
- Mesa de Som Mackie Designs CR-1604 (16 canais);
- Microfone Behringer B2;
- Pré-Ampi Behringer Ultra-tube T 1853;
- Computador Samsung AMD 2 cache MB, AMD Athlon (tm) 64 Processor, 3000+, 1,81 GHz, Interface Motu;
- Fone AKG K-55.

Para a gravação da trilha sonora original, além dos equipamentos já citados, foram utilizados os seguintes instrumentos musicais:

- Violão Takamine E30;
- Baixo Warwick;
- Teclado Synth VST;
- Bateria Concept RMV.

Ainda nesta fase ocorreu o estudo e aprendizagem do programa utilizado na edição do vídeo. O tempo despendido para a realização de todas as atividades executadas na fase 4 foi de 4 meses.

5) Edição de imagens e sons (montagem do vídeo): trata-se da segunda etapa técnica, onde ocorreu a definição das imagens que fariam parte do vídeo, ordem de apresentação e supervisão do tratamento dado às imagens e aos sons. Foi criado o modo de apresentação do título e créditos e foi feita a legendagem. Para a edição e finalização da 1ª versão do vídeo (imagens e sons) foi utilizado o seguinte software:

- Adobe Premier Pro 2.0.

A segunda parte das gravações (narração em off, onde não aparece a imagem da apresentadora, somente a voz) e edição de todo o áudio presente no vídeo, foi feita em São Paulo - SP, em ambiente não profissional, utilizando os seguintes equipamentos:

- Computador com Processador AMD 3.500;
- Fones Bright;
- Microfone AKG;
- Editor de Som Softwear Cool Edit Pro 2.0.

O tempo despendido para a realização desta fase foi de 02 meses. Totalizando o processo (tempo total gasto para criação, produção e edição do DVD) foram necessários 28 meses, observando-se que o tempo despendido em cada fase pode variar de uma produção para outra, dependendo de uma série de circunstâncias envolvidas em cada projeto específico.

O desenvolvimento do processo de produção do DVD e sua finalização (Primeira Etapa) serão descritos de forma mais detalhada no item Resultados.

3.2. UTILIZAÇÃO DO RECURSO AUDIOVISUAL (Segunda Etapa)

3.2.1. Casuística

A segunda etapa compreende a apresentação do DVD produzido a pais ou responsáveis – denominados no estudo de “Familiares” – ouvintes de crianças surdas. Para compor a casuística desta pesquisa foram selecionados 30 familiares, sendo 11 do LIFAE, 17 da Associação Suiço-Brasileira de Ajuda à Criança – BRASCRI e 02 por solicitação dos participantes. Contudo, no decorrer do processo para a exibição do vídeo, 02 sujeitos não compareceram na data e local determinados para assistirem ao mesmo. Dessa forma, a casuística deste estudo é composta por um grupo de 28 familiares ouvintes da cidade de São Paulo.

Os dados demográficos dos sujeitos foram levantados por meio de uma Ficha de Identificação (Anexo G). Quanto ao grau de parentesco com as crianças surdas, os sujeitos estavam assim caracterizados: mãe: 23 (82,1%); pai: 02 (7,1%); avó: 02 (7,1%) e tia: 01 (3,6%) – com idades entre 23 e 54 anos.

Quanto ao perfil socioeconômico dos familiares, foram consideradas três faixas de renda familiar: a) até R\$830,00 (dois salários mínimos); b) entre R\$830,00 e R\$2075,00 (até cinco salários mínimos) e c) acima de R\$3735,00 (acima de nove salários mínimos). Neste estudo, 17 sujeitos (60,7%) encontravam-se na primeira faixa, 08 (28,6%) na segunda e 03 (10,7%) na terceira.

O nível educacional dos familiares compreendia: 06 (21,4%) com o primeiro grau incompleto; 05 (17,9%) com o primeiro grau completo; 01 (3,6%) com o segundo grau incompleto; 12 (42,9%) com o segundo grau completo; 01 (3,6%) com o ensino superior incompleto e 03 (10,7%) com nível superior completo.

Quanto à ocupação 17 pais (60,7%) se enquadraram na categoria de assalariados e 11 (39,3%) na de não assalariados realizando trabalhos domésticos.

Entre os familiares participantes 100% referiram dispor de TV em casa, 85,71% tem aparelhos de reprodução, sendo que destes: 87,5% dispõem de DVD e 12,5% de DVD e videocassete. Estes levantamentos foram feitos por meio das duas primeiras questões do questionário (designadas Q1 e Q2) sobre o vídeo.

As características sócio-demográficas dos familiares, com composição socioeconômica e educacional variada, e de suas respectivas crianças surdas que compõem a amostra se encontram no Anexo G1, Tabela 1.

3.2.2. Local

Para facilitar e garantir a participação dos familiares, a exibição do vídeo bem como a coleta dos dados ocorreu em diferentes locais, a saber: Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional - LIFAE, em sala pertencente ao Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP (com 11 sujeitos), na Associação Suiço-Brasileira de Ajuda à Criança - BRASCRI (15 sujeitos) e na residência dos demais (02 sujeitos).

3.2.3. Procedimentos

Os responsáveis pelo LIFAE e BRASCRI foram contatados com o objetivo de solicitar as autorizações para que o DVD fosse exibido nos referidos locais. Relativo aos outros dois familiares de crianças surdas interessados em participar do estudo o processo foi inverso ao descrito anteriormente: os familiares ao tomarem conhecimento do projeto solicitaram sua participação. O vídeo foi apresentado primeiramente aos familiares que freqüentam o LIFAE, posteriormente aos da BRASCRI e aos outros dois interessados.

Contatados os familiares, solicitou-se a participação dos mesmos no estudo. Com a concordância de todos foram tomadas as providências para a organização da exibição do vídeo:

- Definição do local;
- Verificação dos equipamentos necessários à reprodução – televisão, aparelho de DVD, cabos apropriados, extensão;

No local definido os procedimentos adotados foram utilizados igualmente. O estudo e seus objetivos foram apresentados aos participantes e quanto ao material impresso entregue aos familiares (Termo de Consentimento, Ficha de Identificação e Questionário) seu preenchimento foi precedido de uma leitura em voz alta, em conjunto com os sujeitos, pois ainda que todos os familiares desta amostra fossem alfabetizados, nem todos se mostraram seguros para uma leitura individual efetiva (com compreensão) solicitando o esclarecimento de dúvidas.

A leitura em conjunto contribuiu de modo a explicitar melhor os itens e a chamar a atenção para o número de respostas possíveis em cada questão. O “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” foi, então, assinado e os pais ou responsáveis preencheram a Ficha de Identificação com dados pessoais (gênero, idade, grau de parentesco com a criança surda, escolaridade, ocupação e renda familiar) e dados da criança surda (gênero, idade, escolaridade, tipo e grau de perda auditiva, tipo e filosofia da escola e grau de contato com a Libras). Esta fase foi denominada de pré-intervenção.

Denominamos de “Intervenção” a fase em que o vídeo foi exibido aos pais ou responsáveis. A coleta dos dados foi realizada por meio de Observação Direta Extensiva – Questionário (Anexo H) e denominada de fase pós-

intervenção. Nesta fase, que ocorreu em seguida à exibição, o questionário foi aplicado contendo 15 questões distribuídas em: 14 fechadas (sendo 12 específicas sobre o DVD produzido) e 01 questão aberta – nesta última os familiares eram convidados a expressar seus comentários sobre o vídeo, registrar críticas e/ou sugestões. As questões, tanto as específicas sobre as características do vídeo (linguagem, imagem, som, duração) quanto as que buscavam levantar outros aspectos, visavam avaliar as opiniões dos pais sobre o mesmo.

A seguir procedeu-se a tabulação dos dados, a fim de se avaliar o impacto do material sobre a opinião dos pais e verificar se o recurso audiovisual cumpriu seu papel como um bom instrumento informativo, na visão destes sujeitos.

3.3. Análise dos Dados

Com relação à primeira etapa – Produção do Recurso Audiovisual, a análise dos dados foi feita durante o processo de realização do mesmo e consta da apresentação descritiva no item Resultados.

A segunda etapa desta pesquisa – Utilização do Recurso Audiovisual enquadra-se no que Marconi e Lakatos (2007) descrevem como estudo quantitativo-descritivo, subdivisão: estudo de avaliação de programa. Para a análise dos dados referente às 12 questões fechadas (questões de avaliação; diretas), foi aplicado o Teste do Sinal que verifica se há predomínio em uma situação dicotômica (positivas x negativas) de uma das tendências (Siegel, 1975). Cada opção das 12 questões analisadas foi classificada em “aspecto positivo” ou “aspecto negativo”, conforme Tabela 3. A alternativa “Não sei” para

as questões aplicadas não foi considerada para efeito de análise estatística, tendo em vista a ocorrência desta resposta em apenas duas questões.

Tabela 3 - Critério da designação dos aspectos positivo e negativo para a classificação das opiniões dos sujeitos

Questão	Aspecto Positivo	Aspecto Negativo
Q3: "O que achou do vídeo?"	Ótimo/Bom	Regular/Ruim
Q4: "Você assistiria a esse vídeo novamente?"	Sim	Não
Q5: "Acha que foi um bom meio para esclarecer dúvidas?"	Sim	Não
Q6: "Ter assistido a esse vídeo logo que você recebeu a notícia de que seu (a) filho (a) não escutava teria ajudado a minimizar sentimentos de confusão, medo, ansiedade, angústia etc.?"	Sim	Não
Q7: "Quanto ao conteúdo (informações contidas no vídeo):"	Suficiente	Insuficiente/Excessivo
Q8: "Quanto à linguagem (clareza das informações):"	Muito fácil. Consegui compreender a tudo que assisti / Fácil. Consegui compreender a maior parte.	Difícil. Consegui compreender apenas uma parte/ Muito difícil. Não compreendi.
Q9: "Quanto à imagem (filmagem, iluminação):"	Ótimo/Bom	Regular/Ruim
Q10: "Quanto ao som:"	Ótimo/Bom	Regular/Ruim
Q11: "Quanto à duração:"	Adequado	Longo/Curto
Q12: "Quanto à personagem em espuma (a boneca "Gabi")?"	Gostei. Adequada para o vídeo.	Não gostei. Inadequada para o vídeo.
Q13: "Gostaria de assistir ao vídeo tendo a oportunidade de interagir com o mesmo (parar a cena, voltar, rever uma imagem, ouvir novamente uma explicação etc.)?"	Sim	Não
Q14: "Em sua opinião essa interatividade teria contribuído para que você tivesse se beneficiado mais das informações apresentadas?"	Sim	Não

O Teste do Sinal verifica se há significativamente mais aspectos positivos que negativos (ou mais negativos que positivos) ou se não há diferença. O nível de significância considerado foi de 5%, ou seja, valor de (p) menor ou igual a 0,05 indica diferença significativa.

Relativo à questão 15 (aberta), não houve a obrigatoriedade dos familiares em responderem a mesma; foram convidados livremente a expressar seus comentários e registrar suas críticas e/ou sugestões. As mesmas serão apresentadas em forma de citações no item Resultados.

4. RESULTADOS

4.1. Produção do Recurso Audiovisual (Primeira Etapa):

1) Com relação à idéia/tema: O projeto tem seu surgimento a partir da experiência da pesquisadora com o universo surdo desde 1997 (interseção entre Fonoaudiologia e Pedagogia), a realização de estudo com fonoaudiólogos especializando que demonstra a falta de informação dos profissionais da área sobre a LS (o que suscitou a pergunta: “será que os pacientes e/ou familiares estão recebendo as informações básicas para direcionar e decidir sobre seu tratamento?”) e a preocupação em buscar um meio de disponibilizar informações sobre o assunto a ouvintes e surdos.

A idéia do audiovisual surgiu pela característica do material (imagem e som) que pode alcançar pessoas ouvintes e surdas; pela extensa utilização desse recurso em educação e em algumas áreas da saúde (como a Saúde Pública, por exemplo) e pela constatação de que, em especial na área da Audiologia Educacional, há uma escassez de materiais dessa natureza para serem utilizados como material educativo e informativo em grupos de pais ouvintes e mesmo com os pacientes surdos, que se beneficiam especialmente de imagens.

Nessa fase foi idealizada a personagem infantil “Gabi”, uma boneca articulada em espuma (“puppet”) com 60 cm de altura e que interage com a apresentadora, fazendo o papel do espectador colocando em questão algumas dúvidas à medida que novas informações são vinculadas. Com a introdução deste personagem, o vídeo cria uma empatia com o espectador, atingindo o seu objetivo educativo com maior eficácia. A Figura 2 ilustra a referida personagem:

Figura 2. Personagem “Gabi”

Ainda nesta fase, a pesquisadora fez contato com diversas empresas em busca de colaboradores que pudessem apoiar, financeiramente ou por meio de serviços voluntários, a execução do audiovisual. A boneca Gabi, bem como todos os outros serviços (não houve apoio financeiro, mas a doação de serviços, tais como dublagem e gravação de trilha sonora, filmagem em estúdio, edição e serviço de gráfica), foi executada por um desses

colaboradores e, no vídeo, conforme acordo firmado com os mesmos, a marca da empresa aparece sob a chancela de “Apoio Cultural”.

2) Com relação à pesquisa sobre a realidade a ser filmada: Foi na pesquisa sobre a realidade a ser filmada que se deu o processo de investigação científica referente à temática previamente escolhida (Informações sobre Surdez e LS para surdos e ouvintes). Foi nesta fase que se articularam as revisões bibliográficas e fílmicas, o trabalho de campo (levantamento das dúvidas trazidas pelo grupo de pais), as discussões sobre o cotidiano da família e dos profissionais a elas relacionados, os desafios enfrentados pela tríade família ouvinte – criança surda – profissionais da saúde (feitas tanto no grupo de pais, quanto nas reuniões de equipe do laboratório), a sistematização dos resultados (tanto quanto ao levantamento no grupo de pais, quanto aos resultados obtidos com o estudo com os fonoaudiólogos especializando) e a elaboração das conclusões (a definição do conteúdo a ser abordado no vídeo).

Com o suporte de 30 anos de experiência na área da Surdez e desenvolvendo este trabalho de apoio ao grupo de pais no LIFAE da FMUSP há 10 anos – ouvindo e registrando os depoimentos, as dúvidas e necessidades destas famílias (inclusive registro em vídeo), ficou clara a necessidade de, não apenas indicar materiais informativos já existentes tais como livros, revistas, dicionários, CD-ROM de Libras, filmes documentários (como os produzidos pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, por exemplo), mas também a de produzir outros materiais informativos mais específicos às dúvidas trazidas por surdos e ouvintes nestes anos de atuação no LIFAE e levantadas pela pesquisadora.

3) Com relação à elaboração do roteiro: Convêm reafirmar o caráter didático, educativo, informativo do vídeo produzido, que se enquadra no que Watts (1990) denomina de “programas gerais”, onde “a audiência se constituirá da vasta massa de gente comum” – pensado em sua linguagem para alcançar público de todas as idades – sendo possível que o mesmo sirva a seu propósito de levar informações, até então desconhecidas, para pessoas de diferentes níveis sócio-culturais (Wolf, 1995).

Foi, portanto, a partir da experiência clínica, do contato direto com os surdos, das reflexões e conclusões originadas pelo levantamento das dúvidas trazidas pelas famílias ouvintes e dos dados colhidos no estudo com os fonoaudiólogos especializando que a pesquisadora desenvolveu seu Argumento de Roteiro – a alma do vídeo – com todo o conteúdo a ser abordado, bem como a forma (a linguagem) a ser utilizada para transmitir a idéia. O roteiro é o documento chave (Comparato, 2000), onde os profissionais envolvidos com a realização de um produto audiovisual baseiam seu trabalho. A seguir o argumento é apresentado na íntegra, conforme foi utilizado para nortear o desenvolvimento do vídeo.

ARGUMENTO DE ROTEIRO

* Abertura do vídeo acompanhada da música “Gabi” (instrumental), banner de fotos com momentos da produção no centro da tela: créditos iniciais.

* Título (montagem do título utilizando letras em EVA, com as mãos em ritmo acelerado): “Surdez e Língua de Sinais”.

1ª Cena (externa): O som (barulho) e o movimento (no silêncio) do centro da cidade. (“Take” da Avenida 23 de maio e frase sobreposta: “O Mundo pode ser sonoro, pode ser silencioso. Mas, é, sem dúvida, o mundo em que TODOS nós vivemos.”). Corte para apresentadora.

2ª Cena (apresentadora fala sobre o vídeo): “A partir de agora você vai conhecer um pouco mais sobre a surdez e a comunicação dos surdos. O objetivo deste vídeo é levar você a uma viagem de descobertas pelo mundo do som e do silêncio”. “Você sabia que, segundo a Organização Mundial da Saúde 1,5% da população brasileira tem algum tipo de deficiência auditiva?”

Personagem Gabi “invade” a cena: “Opa! Peraí! Eu não sabia!”

Apresentadora: “Ué! Quem é você?”

Gabi: Eu sou a Gabi. Sabe o que é... Eu estava prestando atenção no vídeo e antes eu te ouvi dizer Surdez e agora Deficiência Auditiva? Eu queria saber se tem diferença...”

Apresentadora: “Eu explico Gabi! Para a Medicina é assim”: (gravação sobre a deficiência auditiva – surdez como doença: gravação acompanha tela com os dizeres “Deficiente auditivo = pessoa com problemas para ouvir. Surdez = doença, deficiência). Em seguida, sobreposta à ilustração da orelha, gravação sobre os tipos de perda, ilustração da escala de sons (graus de perda: leve,

moderada...). Finaliza com a gravação em off sobre o que as pessoas com dificuldade conseguem ou não ouvir: “há pessoas que podem ouvir o latido de um cão, mas não ouvem quando lhe chamam o nome; outros não podem ouvir o som dos pássaros, mas ouvem buzina; outras não ouvem nem avião. São deficientes auditivos”.

Apresentadora: “Já para a Comunidade Surda é diferente!”

Gabi interrompe e pergunta: “Opa! Peraí! Comunidade Surda???”

Apresentadora: gravação (em off) explicando o que é a comunidade surda acompanhada de imagens da confraternização de natal 2007 realizada com os pacientes do LIFAE USP. Na seqüência explica-se sobre a modalidade da língua oral e da LS. Em seguida cena mostra o depoimento de um surdo adulto e sua experiência com a LS.

Gabi: “Deixa ver se eu entendi... Eles são pessoas que falam uma língua diferente da maioria?”

Apresentadora: “Sim! Eles se consideram uma Minoria Lingüística.”

Gabi: “E que língua é essa?”

Apresentadora: “Você já presenciou uma cena assim?” (Imagens da confraternização USP, com som ambiente).

Apresentadora: “Esta é a Língua utilizada pelos Surdos e no Brasil ela se chama Língua Brasileira de Sinais”.

Gabi: “Opa! Peraí! Como assim no Brasil? No resto do mundo não é igual?”

Apresentadora: “Não! No Brasil, por exemplo, o sinal para mãe é assim (a apresentadora sinaliza)”. Em outros países como a Inglaterra, a Espanha... esse sinal é feito de forma diferente”. “Isso acontece porque a Língua de Sinais é uma Língua de verdade e cada país tem sua língua própria! Aqui no Brasil a

Língua de Sinais foi reconhecida por uma Lei. É a Lei Federal 10.463 que garante ao surdo o direito de utilizar essa língua para se comunicar. Foi uma importante conquista para os surdos, Gabi”.

Gabi: “Ah! Quer dizer, então, que os surdos estão se organizando como comunidade para lutar por seus direitos e já tem sua língua reconhecida por lei?”.

Apresentadora: “Exatamente! E por falar em direitos, você sabe que direitos são esses?”

Música “Gabi” (instrumental) de fundo, a cena mostra alguns exemplos:

- Ensino da Libras nas escolas como 1ª língua e o Português como 2ª;
- Tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, em escolas, hospitais, entre outros;
- Passe-Livre em transporte coletivo interestadual;

Apresentadora: “Mas, não basta só existir a lei, né Gabi! Ela precisa ser cumprida!” Ah! O Surdo também tem direito a receber Atendimentos Especializados;

Gabi: “Opa! Peraí! O que são Atendimentos Especializados?”

Apresentadora: “Existem profissionais que atuam com os indivíduos surdos, como os Fonoaudiólogos, por exemplo”.

Gabi: “Fono o quê???”

Apresentadora: “Fonoaudiólogo, Gabi!” Gravação (em off) que explica quem é o Fonoaudiólogo. Encenação da realização de um exame audiológico para

ilustrar. Narração sobre alguns dos locais de trabalho do Fonoaudiólogo (consultórios, escolas, unidades básicas de saúde etc).

Gabi: “Ah! Então, se um surdo quiser aprender a falar ele pode procurar um Fo-no-au-di-ó-lo-go?” (Gabi fala pausadamente)

Apresentadora: “Se for uma escolha dele, sim! Ele pode buscar esse serviço”.

Gravação em off: “Existem Fonoaudiólogos puramente oralistas (ênfase é dada à fala e ao treino auditivo), Fonoaudiólogos Oralistas Multissensoriais e os Fonoaudiólogos Bilíngües (que respeitam a língua de sinais como a língua natural do surdo e a vêem como sua 1ª língua, sendo a língua portuguesa oral e/ou escrita a 2ª). Cena ilustra a estimulação de uma criança em Libras, com explicações sobre a abordagem bilíngüe e o que é preconizado por ela quanto à exposição da criança surda à LS.

Apresentadora: “É preciso saber que nem todo surdo vai conseguir utilizar a fala, outros falarão muito bem, depende de características individuais, grau de perda, idade, tipo de atendimento etc. A qualidade da voz também pode ficar diferente dos demais. E há a possibilidade de que o surdo decida utilizar apenas a Língua de Sinais”. “O importante é que o profissional informe sobre todas as possibilidades e respeite a decisão da família. A família deve ter o direito de escolher a opção que acredita ser melhor!” “Entendeu Gabi?”

Gabi: “Nossa!!! Tem muita coisa aí que eu queria saber mais...”

Apresentadora: Tá bom, Gabi! Então, pra saber mais aí vão algumas dicas:

Cena mostra 03 telas de indicação de sites. Há orientação para consultar outras dicas nos extras do DVD (indicação de sites, livros, filmes, serviços, associações).

Apresentadora: Pois é, Gabi! Tem muita coisa pra gente aprender sobre a Surdez e a Língua de Sinais, mas vai ficar pra próxima, tá bom?!

Gabi: Ahhhh! Já acabou?! Tá bom... Mas, da próxima vez eu tô aqui de novo!!!

* Cena final da Gabi desaparece lentamente.

* Créditos finais acompanhados da música “Gabi” (Cantada). Na finalização constam: créditos técnicos, participações especiais, agradecimentos gerais e agradecimentos aos apoiadores culturais (o logo das empresas aparece sob a chancela “Apoio Cultural”).

4) Com relação à realização do roteiro: Nesta etapa, passou-se às ações definidas pelo argumento de roteiro. Segundo as diretrizes deste argumento a pesquisadora, junto a colaboradores voluntários (músicos, técnicos de áudio e vídeo, assistente de produção) realizou a primeira etapa técnica, que foi a de coletar imagens, entrevistas, desenvolver a manipulação da boneca em espuma, gravar as dublagens, escrever e musicar a letra da trilha sonora original.

Para viabilizar a execução desta etapa, a pesquisadora preparou os termos de Autorização para Uso de Imagem e Voz e Autorização para Filmagem em Locais Públicos ou Privados. A coleta das assinaturas autorizando a veiculação de imagens, vozes, nomes e dados biográficos (no caso de depoimentos, por exemplo) é parte fundamental do processo de realização de uma obra audiovisual, pois assim a mesma poderá ser divulgada de forma apropriada, tanto na mídia impressa quanto na mídia eletrônica.

Todo o processo de filmagem (de captação de imagens e recursos propriamente) aconteceu sob a execução, direção e supervisão da pesquisadora, em associação a participação dos colaboradores. Todas as imagens externas (todas aquelas realizadas fora do “estúdio”) foram filmadas pela pesquisadora. Para a filmagem “em estúdio” – onde interagem a apresentadora e a personagem “Gabi” – houve a participação de um dos colaboradores com conhecimento técnico para tanto.

Durante o processo, e quando possível, buscamos nos aproximar da realização de um “making off”, com registro fotográfico e filmagem de algumas etapas. Esta ação tem conotação didática, ilustrando por meio das imagens

todo o processo de realização do vídeo “por trás das câmeras”. A seguir, as Figuras 3 e 4 ilustram esse processo:

Figura 3. Filmagem “em estúdio” (teste de iluminação)

Figura 4. Filmagem “em estúdio” (marcação de posições e passagem de texto)

No que diz respeito ao som, sua gravação e tratamento foram realizados em 02 partes: a primeira em Brasília-DF, em estúdio de som profissional onde se fez a dublagem da personagem “Gabi” e a produção da trilha sonora original – criada especialmente para o vídeo, a fim de corroborar todas as ações do conteúdo do mesmo, valorizando o trabalho, enriquecendo as imagens e permitindo ao editor trabalhar de maneira eficiente o tempo interno da edição. Além de valorizar a mensagem e a condução do vídeo, a trilha original, por ter a autoria da pesquisadora, proporciona “liberdade” a este audiovisual que poderá ser veiculado em qualquer mídia, seja ela “indoor” ou “outdoor”, em

território nacional e internacional, não acarretando nenhum tipo de inconveniente com instituições que exigem o pagamento de direitos autorais como, por exemplo, o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição – ECAD, que controla os direitos autorais decorrentes da execução pública de músicas nacionais e internacionais de autoria de terceiros.

Para a finalização da dublagem e da trilha sonora original foram necessárias 6 horas de gravação com a utilização de diversos equipamentos e instrumentos já citados no item Métodos.

A letra da música foi escrita pela pesquisadora em parceria com o músico profissional que assina a parte instrumental. A música tem duas versões – instrumental e cantada, interpretadas pela pesquisadora que também foi responsável pela direção de dublagem da personagem “Gabi” – processo difícil, pois as “falas” da boneca foram dubladas por uma menina de 07 anos, o que exigiu e demandou muita habilidade por parte da pesquisadora para a manutenção da atenção da criança, orientação da postura correta frente ao microfone, uso dos fones e para garantir a correta entonação nas falas e a busca na adequação da duração das mesmas visando uma sincronia mais perfeita conforme as filmagens. As Figuras 5, 6, 7 e 8 ilustram o processo referente à dublagem e gravação da trilha sonora:

Figura 5. Tela que ilustra o funcionamento do softwear Nuendo 3.02 utilizado na dublagem da personagem “Gabi”

Figura 6. Dublagem da personagem “Gabi”

Figura 7. Tela que ilustra o funcionamento do softwear Nuendo 3.02 utilizado para a gravação da trilha sonora original

Figura 8. Gravação da versão cantada da música “Gabi”

5) Com relação à edição de imagens e sons: A pesquisadora foi responsável por definir, posteriormente as captações, quais imagens fariam parte do vídeo, sua ordem de apresentação e supervisão do tratamento dado às imagens e aos sons para que o resultado final fosse fidedigno à idéia, à pesquisa realizada para a filmagem e ao argumento de roteiro.

Nesta fase foram montados os "textos" da câmera (imagens), da música e dos sons e dos resultados empíricos. Trata-se da finalização do filme. Constituiu-se na etapa de maior caráter técnico, em função dos equipamentos e habilidade exigida para operação destes. Com o auxílio e incentivo de um dos colaboradores voluntários a pesquisadora aprendeu a operar o programa Adobe Premier Pro 2.0 e pôde participar ativamente de todo o processo de edição do vídeo, ficando a seu cargo a execução exclusiva da adequação de letreiros e inclusão de legendas.

Este recurso audiovisual foi idealizado para contemplar as características específicas da comunicação tanto de ouvintes quanto de surdos, pois ainda que em sua etapa experimental a casuística não seja composta por telespectadores surdos, o material visa oferecer acessibilidade a todos que por ele se interessem. Portanto, no menu do DVD, há 03 versões para livre escolha: versão sem legenda e sem quadrante de LS, versão com legenda e versão com quadrante em LS.

As Figuras 9 e 10 ilustram algumas das telas do vídeo já finalizado:

Figura 9. Tela que ilustra crédito inicial do vídeo

Figura 10. Tela que ilustra a primeira cena de interação entre a apresentadora e a personagem "Gabi"

4.2. Utilização do Recurso Audiovisual (Segunda Etapa):

Os resultados referentes às opiniões dos familiares sobre o DVD revelaram: 75% dos sujeitos o consideraram “ótimo”, 25% bom; 100% gostariam de assisti-lo novamente; 100% o consideraram um meio adequado para esclarecer dúvidas; 92,86% afirmaram que tê-lo assistido quando receberam o diagnóstico da perda auditiva de sua criança teria contribuído para minimizar a angústia, para 3,57% não teria havido diferença e 3,57% (01 sujeito) não soube responder. O conteúdo do vídeo foi considerado suficiente por 92,86% dos sujeitos, 3,57% o consideraram insuficiente e 3,57% não souberam responder. O vídeo foi considerado de “muito fácil” compreensão por 53,57% dos familiares, de “fácil” compreensão por 42,86% deles e difícil por 3,57%. A imagem foi considerada de “ótima” qualidade por 60,71% dos sujeitos e “boa” por 39,29%; a qualidade do som foi considerada “ótima” por 67,86% e “boa” por 32,14% dos familiares. Quanto à duração, 64,29% o consideraram adequado e 35,71% curto. A personagem “Gabi” recebeu a aprovação de 100% dos sujeitos. O desejo de assistir ao vídeo novamente, tendo a oportunidade de interagir com o mesmo, foi referido por 92,86% dos sujeitos, apenas 7,14% não demonstraram este interesse. Os mesmos 7,14% referiram que esta interatividade não teria contribuído para aumentar os benefícios das informações, diferentemente de 92,86% dos familiares que responderam positivamente a esta pergunta.

A Tabela 4 apresenta os resultados obtidos a partir da análise estatística realizada por meio do Teste do Sinal:

Tabela 4 - Resultados do Teste do Sinal referente às respostas dos 28 sujeitos para as 12 questões específicas sobre o DVD

					Aspectos		Teste do Sinal (p)
Questões	Respostas				Positivos	Negativos	
Q3	Ótimo: 21	Bom: 7	Regular: 0	Ruim: 0	28	0	<0,001 *
Q4	Sim: 28	Não: 0			28	0	<0,001 *
Q5	Sim: 28	Não: 0			28	0	<0,001 *
Q6	Sim: 26	Não: 1	Não sei: 1		26	1	<0,001 *
Q7	Suficiente: 26	Insuficiente: 1	Excessivo: 0	Não sei: 1	26	1	<0,001 *
Q8	Muito fácil: 15	Fácil: 12	Difícil: 1	Muito difícil: 0	27	1	<0,001 *
Q9	Ótimo: 17	Bom: 11	Regular: 0	Ruim: 0	28	0	<0,001 *
Q10	Ótimo: 19	Bom: 9	Regular: 0	Ruim: 0	28	0	<0,001 *
Q11	Adequado: 18	Longo: 0	Curto: 10		18	10	0,1859
Q12	Gostei: 28	Não gostei: 0			28	0	<0,001 *
Q13	Sim: 26	Não: 2			26	2	<0,001 *
Q14	Sim: 26	Não: 2			26	2	<0,001 *

A presente análise compreende 12 questões específicas sobre o vídeo que se iniciam em Q3, pois as duas primeiras questões, ou seja, Q1 e Q2 não dizem respeito ao vídeo em si, mas ao levantamento de informações referentes à disponibilidade dos sujeitos a TV e equipamentos de reprodução (videocassete, DVD) em casa.

Quanto às 12 questões pertinentes os resultados demonstram que 11 dos 12 testes foram significativamente mais incidentes no sentido dos aspectos positivos ($p < 0,001^*$ Significante). Há significativamente mais aspectos positivos, exceto para a questão 11, onde 10 casos consideraram a duração curta e o teste foi não significativo.

Na questão aberta (Questão 15), onde os familiares eram convidados livremente a expressar seus comentários e registrar suas críticas e sugestões, 10 sujeitos se manifestaram, sendo que todos os comentários tiveram caráter construtivo, como mostra o Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Considerações dos familiares (Questão 15 do questionário), quanto aos comentários, críticas e sugestões sobre vídeo

Sujeito	Citação
S6	"Gostei muito do vídeo. Ele ajudará muito a esclarecer as dúvidas de outros pais"
S7	"Achei que o vídeo está ótimo, só poderia ter mais um pouco de tempo para as pessoas conseguirem ler os endereços. O tempo (duração) é perfeito, não é cansativo e o conteúdo prende a atenção de quem está assistindo"
S12	"Gostei do vídeo. Em questão de hospitais quando preciso levar meu filho ninguém sabe conversar com ele, quando levo na fono aos sábados é a mesma coisa, acho que as pessoas deveriam se interar mais sobre a linguagem de sinais, para mim ficou mais fácil a comunicação com o meu filho pelo pouco que aprendi"
S16	"Gostei como um vídeo básico, curto, para quem não tem nenhum conhecimento no assunto, para primeiros esclarecimentos"
S17	"Como a linguagem e apresentação são muito agradáveis e adequadas, creio que outros vídeos complementares usando os mesmos padrões seriam bastante úteis"
S18	"O vídeo é "bem gostoso", pode se estender mais sem cansar o expectador; a boneca é perfeita pra criar empatia; alguns termos não foram explicados"
S22	"O vídeo trouxe uma explicação clara e leve, nada conturbada, ou seja, simples e produtivo, em poucos minutos vocês explicaram o quê, nós "pais", levamos tempo a entender e assimilar, se todos os profissionais fossem "profissionais" assim, tudo seria mais fácil"
S24	"O vídeo deveria durar mais assim dando espaço a mais esclarecimentos sobre o assunto. Gostaria de sugerir que fossem abordados mais temas que envolvam todo o cotidiano da criança, do adolescente e do adulto surdo. Por exemplo, um vídeo com volumes (vol. 1, 2, 3). Noções básicas, diferenciações e assim abordar a vivência do surdo"
S25	"Parabenizo pelo ótimo trabalho, clareza nas informações, sugiro que esse vídeo seja divulgado não só para pessoas e familiares de surdos, mas nas escolas de um modo geral, pois os ouvintes também deveriam conhecer melhor esse "mundo" para respeitar melhor e quem sabe praticar essa nova língua"
S26	"Gostei do vídeo, foi fácil compreender o que foi mostrado"

5. DISCUSSÃO

Embora o diálogo entre a Fonoaudiologia, em especial a Audiologia Educacional, e o Audiovisual ainda seja tímido, conforme mostra o levantamento dos artigos apresentado na quarta parte da Revisão da Literatura, podemos observar que este recurso tem sido cada vez mais utilizado na área da saúde por se tratar de um meio capaz de alcançar pessoas diferentes, inclusive sócio-culturalmente, num mesmo tempo e espaço (Chaves, 1999; De Fleur, 1970). O registro de trabalhos em saúde tem sido realizado com emprego de diferentes meios: livros, revistas, teses, fotografias, slides, entre outros. O que propomos aqui é a incorporação da técnica do vídeo informativo educativo como importante ferramenta para registro da informação em Audiologia Educacional, situada no processo de construção de conhecimento, por meio de uma mídia informativa (Nascimento, 1995). O Fonoaudiólogo videasta – aquele que cria, produz e se envolve em todos os processos da concepção à edição de um vídeo poderá transformar esse recurso em útil ferramenta de trabalho, abrindo novos caminhos, novas possibilidades de atuação no campo da Fonoaudiologia.

Segundo Napolitano (2002) midiabilidade é entendida como "a existência de um campo social dominado pela mídia, sobretudo a mídia eletrônica, catalisando um conjunto de experiências e identidades sociais". O audiovisual, por sua estética e agilidade, atuando como espelho social, seja como recurso de apoio ou por meio de interferências objetivas (Almeida, 1988) é um meio rico em viabilizar diversas estratégias de explorar a temática gerada por ele. Sua grande vantagem é poder tornar os fatos vivos e apresentá-los de uma maneira interessante (Watts, 1990). As pessoas que se identificarem com

esse material podem utilizá-lo em diferentes contextos, com diferentes grupos: pais, alunos, fonoaudiólogos, surdos entre outros.

O audiovisual em questão – apresentação de um conteúdo específico – pode ser considerado como um modelo de Aprendizagem Mediada pela Tecnologia (AMT), modelo este centrado na pessoa que aprende, em suas necessidades, em seus interesses, em seu estilo e ritmo de aprendizagem (Chaves, 1999). Levando isto em consideração pensamos também nos telespectadores surdos - ainda que este vídeo, em sua etapa experimental, tenha sido utilizado com familiares ouvintes ele não foi produzido apenas para este grupo. Durante o decorrer deste trabalho nos preocupamos em idealizar um material que além de falar sobre o surdo, também pudesse ser útil a ele. Neste sentido os seguintes aspectos foram considerados com relação à opção pelo audiovisual: alto poder de abrangência, material informativo mais adequado às características das pessoas surdas por seu caráter fortemente visual e baixo custo envolvido na reprodução de uma mídia em formato DVD. Para garantir o acesso das pessoas surdas ao material, o DVD dispõe da opção legendada (para os surdos que dominam o português escrito, mas não a LS) e de quadrante em LS (para aqueles que dominam esta língua).

Quanto à primeira parte do trabalho – Produção do Recurso Audiovisual, no que diz respeito à sua descrição pormenorizada, tomou-se a decisão de colocar o maior volume de informações no item Resultados, pois na descrição da produção do DVD, ou seja, na sua realização, torna-se difícil separar o que é procedimento do que resulta do próprio processo, desde a criação até a edição do recurso audiovisual. A eminência de dividir essa etapa do trabalho de forma a adequá-lo aos padrões metodológicos (Materiais, Procedimentos e

apresentação dos Resultados), gerou grande preocupação, pois é difícil delimitar onde termina a metodologia e começa o resultado na produção de um material dessa natureza. Dissertações unicamente descritivas são comuns para as áreas da Educação, Comunicação e Artes, por exemplo, porém para a área da Saúde – com padrões convencionados para a apresentação dos estudos, este exercício torna-se mais complicado e houve a necessidade de se buscar um equilíbrio entre a metodologia científica normalmente aplicada à área da Fonoaudiologia e a descrição de um processo de produção pertinente a área do Audiovisual. Um exemplo diz respeito aos materiais utilizados ao longo das cinco fases propostas por Nascimento (1995).

Foram utilizados materiais diferentes em fases específicas e a determinação do uso para cada um deles foi surgindo à medida que o processo foi ocorrendo. Ou seja, a utilização de um material e não de outro está relacionado ao contexto situacional da produção deste DVD em particular. Faz parte de sua história, de sua dinâmica. Ainda assim, em respeito aos padrões metodológicos, os materiais utilizados foram apresentados no item Métodos. Com a apresentação dos demais dados referentes ao processo de desenvolvimento do DVD no item Resultados, da forma como mostra este estudo, esperou-se evitar a desarticulação de informações que juntas trazem unidade ao processo criativo e de entendimento de como se deu “o fazer” deste recurso audiovisual.

Ainda quanto à produção do DVD, algumas considerações sobre a personagem se fazem necessárias. Para atribuir “uma marca” ao vídeo, optou-se pela utilização da personagem “Gabi”. Como personagem principal no DVD, a trilha original também foi pensada em uma linguagem adequada. Esta

personagem, por sua característica (puppet em espuma, representando uma criança de 08 anos que interage com a apresentadora) remete ao universo infantil e se conecta com o público de todas as idades por ser ela mesma também uma telespectadora que “invade” a cena e inicia o diálogo em busca de satisfazer sua curiosidade. Quando não conhecemos um assunto, quando nos deparamos com algo novo muitas vezes sentimo-nos como “crianças”, engatinhando na nova aprendizagem, aprendendo, absorvendo aos poucos as informações. Esta também é uma analogia cabível à personagem, em comparação aos ouvintes que nada ou pouco sabem sobre surdez e língua de sinais. Ademais, em outros desdobramentos para a utilização deste DVD, é possível realizar atividades com o tema “saúde auditiva” que enfoquem especificamente o público infantil, facilitando a interação com as crianças (sejam ouvintes ou surdas), por meio da personagem.

Quanto aos sujeitos da pesquisa um achado chamou à atenção. Quatro dentre os 28 familiares, ao preencherem a Ficha de Identificação, não souberam responder a perguntas diretamente relacionadas aos filhos: tipo e/ou grau de perda e/ou escolaridade da criança. Estes achados suscitaram dúvidas: indicariam desconhecimento, desinteresse, relação sócio-econômica e de escolaridade, falta de acesso à informação sob aspectos básicos referentes à saúde e educação da criança e/ou revelariam aspectos emocionais intervenientes? O delineamento de novos estudos diferenciando estes aspectos também seria pertinente para responder a estes questionamentos. Produções de materiais informativos nestas temáticas poderiam ser úteis e auxiliariam a população a diminuir a desinformação nesses quesitos.

Com relação ao método de utilização do vídeo com o grupo de familiares ouvintes, ainda que o resultado tenha sido positivo e que tenha sido evidenciada a grande aceitabilidade do mesmo, também ficou claro por meio da análise das questões 13 e 14 que os sujeitos poderiam ter se beneficiado ainda mais do instrumento se o mesmo tivesse sido disponibilizado de forma interativa, ou seja, se os sujeitos pudessem parar a cena, voltar, revir uma imagem ou ouvir novamente uma explicação. Certamente utilizar o vídeo de forma mais rica, propondo discussões, dividindo-o didaticamente para analisar cada assunto de acordo com as necessidades do grupo poderá potencializar seus efeitos.

Este estudo gerou um grande número de outros resultados, no que diz respeito ao conhecimento prévio dos sujeitos sobre surdez e LS e o impacto do vídeo sobre esse conhecimento. A análise preliminar destes dados, que serão apresentados em um estudo futuro, já se encontra em andamento e indica um caminho muito interessante quanto às contribuições produzidas pelo conteúdo do vídeo no processo de agregação de novos saberes e/ou mudanças de antigos conceitos por parte dos telespectadores.

O modo como o vídeo foi aplicado com a amostra de sujeitos neste estudo deu ênfase ao caráter mais informativo do material – o que nos remete à concepção de ensino-aprendizagem mais tradicional, pautada pela memorização de informações. Sabe-se, contudo, que essa concepção não é suficiente, por si só, para transformar o conhecimento em algo significativo. Por isso, prevemos o aprofundamento da utilização do material de forma que o potencial educativo do vídeo possa ser melhor explorado. A sugestão de assistir ao vídeo de forma interativa tem esse objetivo.

O formato do vídeo possibilita seu uso de forma dinâmica, de modo a estimular o diálogo e a participação efetiva dos telespectadores – o que nos remete à concepção de ensino-aprendizagem participativa, pautada pela problematização das informações. Utilizando-o em contextos que permitam e favoreçam a problematização dos temas abordados evocamos os estudos de Freire (2000), para oferecer a oportunidade de que quem aprende venha a ser protagonista do processo de ensino-aprendizagem. O presente recurso audiovisual não deve, portanto, servir apenas como instrumento para a prática comunicacional unidirecional, mas pode e deve ser utilizado em toda sua potencialidade como ferramenta de conscientização e mudança. Assim define “conscientização” o educador Paulo Freire (1980): “estratégia que leva a uma aproximação crítica da realidade, valorizando o conhecimento como possibilidade de autonomia para que cada sujeito possa criar sua existência com o material que a vida lhe oferece”.

Hoje se sabe que o mecanismo cerebral envolvido na assimilação de informação – memória – aprendizagem – conhecimento ocorre de forma individualizada, ou seja, depende de características individuais, dentre outros fatores, como a exposição ao meio. Segundo Eslinger (2006), a propriedade básica do córtex cerebral é armazenar informação. Diz o autor: “Embora não entendemos exatamente como ocorre tal armazenamento, está claro que ele ocorre em múltiplas áreas corticais devotadas a diferentes tipos de memória. Algumas áreas se desenvolvem em sistemas de conhecimento que surgem das memórias lingüísticas, viso-espaciais ou motoras. Outras regiões do cérebro armazenam informações a respeito de experiências emocionais (...). Portanto, aprendizado e memória não estão limitados a um único sistema neural ou

processo. Existem múltiplos sistemas de memória, espalhados por diferentes áreas cerebrais, com conexões e vias que podem interconectá-las em distintos meios, variando até mesmo de indivíduo para indivíduo (...)" (Eslinger, 2006).

Refletindo sobre o fato de que em cada ato de comunicação de mensagens sobre a saúde há muito mais do que a assimilação (ou não) de informações – há complexos processos ocorrendo individualmente em cada um de nós, a partir dos quais a saúde e a doença adquirem sentido particular, acreditamos que estudos futuros que objetivem a análise do processo de aprendizagem mediada pelo audiovisual, com variados grupos de sujeitos poderão enriquecer a discussão sobre o uso do audiovisual como estratégia informativa em saúde, pois os resultados poderão evidenciar essa pluralidade e diversidade humanas certamente presentes nos diferentes grupos. Alunos de graduação em Fonoaudiologia, Fonoaudiólogos, Professores da Rede Pública e Privada de Ensino, entre outros, constituem interessante casuística para estudos futuros. No contexto da Fonoaudiologia a análise dos processos de aprendizagem mediada pelo audiovisual com conteúdo relacionado à surdez e LS, por exemplo, pode enriquecer a discussão do ponto de vista dos tempos de assimilação de informação pelo cérebro humano – este cada vez mais exigido “a interpretar o significado de diversas informações recebidas seguidamente” (Smith, 2006) e exposto a níveis cada vez mais elevados de estímulo nos dias atuais.

A surdez (em um contexto bilíngüe, inclusive) e a língua de sinais são assuntos que interessam aos pais ouvintes, pessoas surdas, fonoaudiólogos, outros profissionais da saúde e da educação. Ainda que a proposta deste estudo tenha sido apresentar o audiovisual aos familiares ouvintes isso não

significa que ele só possa ser utilizado com os mesmos. Por este motivo e pelas características do vídeo quanto à linguagem é que sugerimos a possibilidade de que o material possa ser visto por diferentes grupos. Essencialmente esse estudo é uma proposta de criação de uma ferramenta de trabalho que poderá ser utilizada por fonoaudiólogos e/ou professores, dentro de uma temática recorrente em nossa prática profissional.

Por solicitação dos sujeitos da pesquisa, que se manifestaram tanto na forma escrita quanto verbalmente, sugerimos a realização de outros vídeos do gênero. A resposta de 10 sujeitos à questão 11, quanto à duração do DVD – considerando-o curto, antes de significar um aspecto negativo pode, na verdade, ser visto como um indicativo de que os pais realmente desejam saber mais sobre o tema. Esperamos que a técnica de vídeo em saúde possa ser mais utilizada pelos fonoaudiólogos e que os mesmos se sintam encorajados a buscarem conhecimentos na área do audiovisual afim de realizarem seus próprios projetos, uma vez que esta pesquisa demonstra que isto é possível.

Este projeto foi um grande desafio – com mínimo recurso financeiro e com todas as limitações técnicas encontradas no início, uma vez que a pesquisadora não dominava, até aquele momento, técnicas de edição. Foi também um enorme aprendizado, tanto do fazer em audiovisual – pois foi necessário um mergulho teórico e prático em como produzir um vídeo – bem como no utilizar o material e vê-lo cumprir o papel para o qual foi idealizado. Este papel foi o de contribuir em alguma medida com a disseminação de informações em surdez e LS fomentando nos familiares ouvintes o desejo de saber mais e entender mais sobre temas que dizem respeito aos próprios filhos.

Segundo Pinheiro (2004), em Ciência da Informação há um importante conceito denominado “Relevância”, que é utilizado “no contexto de sistemas de informação, em particular, e nos processos de comunicação em geral”, nos quais a informação “tem muitas propriedades associadas, e relevância é uma das mais importantes.” Para Saracevic (1970), considerado um dos maiores pesquisadores nesta área – e responsável por significativa contribuição teórica à construção do referido conceito, “relevância está associada ao fornecimento de informação a tempo, regularmente, de forma efetiva e eficiente, capaz de eliminar informação não relevante, pois “se não é relevante, não é informação”.

Este estudo demonstrou a viabilidade do fonoaudiólogo videasta em desenvolver trabalhos no campo da saúde mediada pelos recursos audiovisuais elaborando, com base em sua experiência e conhecimentos, materiais relevantes para a comunidade científica e para o público em geral. É neste sentido – da contribuição neste campo, que viemos somar esforços ao valoroso trabalho de todos aqueles que se dedicam à Fonoaudiologia, em especial à Audiologia Educacional e ao estudo das LS.

6. CONCLUSÃO

Os resultados obtidos neste estudo corroboram as hipóteses inicialmente apresentadas:

- A primeira etapa do trabalho descreve as experiências da pesquisadora como fonoaudióloga videasta e confirma a possibilidade de utilização do audiovisual como mediador na intervenção em Fonoaudiologia. Indica também a possibilidade para que outros fonoaudiólogos realizem seus próprios projetos audiovisuais, já que a conclusão da primeira etapa deste estudo demonstra que isto é possível;
- O Fonoaudiólogo pode contribuir ativamente (Fonoaudiólogo videasta) com o desenvolvimento (criação, produção, edição) de materiais audiovisuais que informem, eduquem sobre temas pertinentes a Fonoaudiologia, neste caso, vídeo sobre surdez e LS;
- O levantamento de artigos realizado em três importantes bases de dados de produção científica brasileira e internacional indica que há escassez de materiais informativos educativos na área da Audiologia Educacional, em especial, que tenham como tema a surdez e a LS;
- Quanto à segunda etapa, a maioria dos testes foi significativamente mais incidente no sentido dos aspectos positivos (Teste do Sinal). Exceto para a questão 11, onde 18 sujeitos consideraram a duração do vídeo adequada e 10 sujeitos a consideraram curta, e o teste foi não significante. Tais resultados demonstram aceitabilidade absoluta ao vídeo por parte dos sujeitos da pesquisa, indicando que o vídeo cumpre seu papel como material informativo educativo em saúde tendo produzido um impacto positivo sobre a opinião deste grupo;

- A linguagem e o conteúdo apresentados no vídeo mostraram-se adequados para atingir um público variado, de diferentes níveis sócio-culturais;

7. ANEXOS

ANEXO A**APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

ANEXO B

HOSPITAL DAS CLÍNICASDA **FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

CAIXA POSTAL, 8091 – SÃO PAULO – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Instruções para preenchimento no verso)

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL:

1. NOME DO PACIENTE :.....
 DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº : SEXO : .M F
 DATA NASCIMENTO:/...../.....
 ENDEREÇO Nº APTO:
 BAIRRO: CIDADE
 CEP:..... TELEFONE: DDD (.....)

2. RESPONSÁVEL LEGAL
 NATUREZA (grau de parentesco, tutor, curador etc.)
 DOCUMENTO DE IDENTIDADE :.....SEXO: M F
 DATA NASCIMENTO:/...../.....
 ENDEREÇO: Nº..... APTO:
 BAIRRO:.....CIDADE:
 CEP:.....TELEFONE: DDD (.....).....

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA : **PRODUÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE SURDEZ E LÍNGUA DE SINAIS: IMPACTO EM FAMILIARES OUVINTES DE CRIANÇAS SURDAS**

PESQUISADOR: Guadalupe Marcondes de Moura.

CARGO/FUNÇÃO: Pós-graduanda em Fonoaudiologia. INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL DE FONO.Nº.15135

UNIDADE DO HCFMUSP: Curso de Fonoaudiologia da FMUSP

2. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

SEM RISCO

RISCO MÍNIMO ☒

RISCO MÉDIO

RISCO BAIXO

RISCO MAIOR

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como decorrência imediata ou tardia do estudo)

3. DURAÇÃO DA PESQUISA: 24 meses

III – REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA CONSIGNANDO:

Gostaria de solicitar sua participação em minha pesquisa. O objetivo é avaliar suas impressões sobre o vídeo “Surdez e Língua de Sinais”, como parte do estudo intitulado “Produção Audiovisual sobre surdez e língua de sinais: impacto em familiares ouvintes de crianças surdas”. Produzimos um vídeo que poderá ser assistido por surdos e ouvintes e que fala sobre a surdez, a pessoa surda e os tipos de comunicação existentes para os surdos. Caso concorde em participar você preencherá uma ficha de identificação, assinará este termo e, em seguida, assistirá ao vídeo. Logo após você responderá a algumas perguntas sobre este mesmo vídeo. Espero com esta pesquisa obter informações que possam contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas surdas e suas famílias. Além do benefício pessoal que você poderá obter ao receber as informações que estão no vídeo você também poderá compartilhar estas informações com outros membros da família, vizinhos, escola etc.

IV – ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:

Como pesquisadora deste estudo garanto que sua identidade não será revelada em nenhum momento. Os dados desta pesquisa serão utilizados apenas em congressos e/ou revistas científicas para ajudar outras pessoas interessadas neste trabalho e também a pessoas surdas e ouvintes que queiram conhecer mais sobre a surdez e a língua de sinais. Mesmo depois do encontro, ou a qualquer momento, se você preferir que os seus dados não sejam utilizados para a pesquisa, sua vontade será respeitada. Não haverá qualquer prejuízo para você ou para a continuidade da pesquisa uma vez que a mesma não é de caráter assistencial. Esclareço que não haverá qualquer custo ou compensação financeira por sua participação e que esta pesquisa não oferece riscos à sua saúde.

Se houver qualquer dúvida, você pode entrar em contato comigo: Guadalupe Marcondes de Moura, pelo telefone (0xx11) 3392-6484. Coloco-me a disposição para eventuais esclarecimentos, se necessário.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS:

Nome: Guadalupe Marcondes de Moura
Endereço: Rua Cônego Vicente Miguel Marino, 275 – Bloco B, aptº 152 – Barra Funda. CEP: 01135-020. São Paulo – SP
Telefone: (11) 3392-6484

Nome: Ida Lichtig
Endereço: Rua Cipotânea, 51 – Cidade Universitária. CEP: 05360-160. São Paulo – SP
Telefone: (11) 3091-8418

VI. OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO:

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

São Paulo, de de 20 .

assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal

assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome Legível)

ANEXO C

PROPOSTA DE APOIO CULTURAL

PRODUÇÃO DO DVD: “SURDEZ E LÍNGUA DE SINAIS”

APRESENTAÇÃO

Disponibilizar informações sobre surdez e a comunicação dos surdos de maneira séria e responsável é o objetivo principal do DVD “Surdez e Língua de Sinais”, projeto de mestrado da Fonoaudióloga Pesquisadora Guadalupe M. de Moura, aluna do Programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação: Comunicação Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

O projeto está sendo desenvolvido por especialistas na área da Audiologia Educacional com anos de experiência clínica e docente, o que dará suporte teórico-científico ao programa, garantindo credibilidade às informações. Além disso, contamos com uma equipe técnica (colaboradores) que, juntamente com a pesquisadora, realizará o trabalho de produção e finalização do material audiovisual (som e imagens).

FORMATO

Mídia: DVD, cores.

Recursos: Para que o conteúdo seja abordado de forma mais dinâmica serão inseridos recursos de animação (personagem animada) e/ou utilização de “puppet” (boneca manipulável em espuma). Por se tratar de um DVD que poderá ser visto por surdos e ouvintes o mesmo contará com quadrante em Língua de Sinais (intérprete) e legenda. Um apresentador fará a interação com a personagem animada/puppet.

Tempo: 15 minutos de duração.

Filmagens: estúdio e locações externas, na cidade de São Paulo.

Equipamentos de filmagem e infra-estrutura: LIF de Audiologia Educacional da FMUSP e equipe técnica (colaboradores).

LOCAL DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional da Faculdade de Medicina da USP passou a atender a comunidade há 10 anos, proporcionando atendimento terapêutico às crianças surdas e orientações às suas famílias no que diz respeito à comunicação e surdez.

Até junho de 2007 inúmeras famílias já foram atendidas neste laboratório. Contando com lista de espera, é o único local a prestar esse tipo de serviço na região.

MISSÃO

Levar a toda sociedade, surdos e ouvintes, informações claras e em linguagem acessível, sobre os temas Surdez e Língua de Sinais.

CÓDIGO DE ÉTICA

Temos o compromisso de contribuir para a formação do ser humano e seu desenvolvimento na sociedade. Em especial pretendemos contribuir na promoção à saúde, no respeito às diferenças e para a diminuição do preconceito, muitas vezes gerado pela desinformação. Por isso, o material produzido, não conterá:

- a) mensagens de violência e racismo;
- b) mensagens que cite produtos e serviços (remédios, tratamentos, nomes de clínicas ou profissionais, preços) que demonstrem interesses comerciais;
- c) mensagens que privilegiem ideologicamente posições de qualquer grupo (comercial, religioso ou político-partidário).

PÚBLICO

Pretendemos alcançar um público diversificado, desde a criança até o idoso, de todas as classes sociais, ouvintes e surdos. Alguns de nossos telespectadores em potencial, tendo em vista o grau de interesse no assunto, são: fonoaudiólogos, médicos, pedagogos, psicólogos, pais de crianças surdas e ouvintes, entre outros.

ABRANGÊNCIA

Pretendemos divulgar o DVD em âmbito acadêmico (faculdades, universidades), em eventos (mostras de filmes, festivais, congressos, seminários, cursos e palestras), em escolas públicas e particulares, em associações (de surdos e ouvintes) e, eventualmente, se os autores julgarem apropriado, distribuí-lo comercialmente, no Estado de São Paulo e/ou em âmbito nacional.

VANTAGENS EM APOIAR O PROJETO (Retorno de Marketing)

Credibilidade do Projeto

A empresa “(nome da empresa)” apoiará um projeto desenvolvido por fonoaudiólogos especialistas dentro de um dos maiores centros de excelência em ensino e pesquisa do mundo, a USP – Universidade de São Paulo. Para o telespectador a imagem dos apoiadores ficará ligada a uma produção informativo-educativa de qualidade e diferenciada que transcende o espaço universitário e busca cumprir seu papel social produzindo um instrumento (DVD informativo) que beneficiará toda a comunidade.

Divulgação da marca¹

- A marca “(nome da marca)” será vinculada na obra audiovisual e, quando houver, em todas as peças de divulgação do projeto, inclusive nos releases de imprensa e comunicados, sob a chancela “Apoio Cultural”, de forma padronizada;
- A divulgação das empresas ocorrerá a partir da vinculação de sua marca na obra audiovisual. Contudo, de forma oportuna, a empresa “(nome da empresa)” será mencionada como apoiadora do Projeto nas entrevistas concedidas pelos seus realizadores e participantes;
- A empresa tem o direito de mencionar seu apoio, especificamente quanto à produção do DVD “Surdez e Língua de Sinais”, em suas ações e peças de comunicação institucional bem como em seu site institucional, sem qualquer ônus.

¹ Verifique condições.

Abrangência

Grande circulação da marca em todas as exibições do DVD, nas mais diversas formas de comunicação, no Estado de São Paulo e em âmbito nacional quando for o caso.

Clientes e a Sociedade em Geral

Relacionar a marca “(nome da marca)” a esta iniciativa agregará ainda mais valor à imagem institucional da empresa, pois demonstra aos seus atuais e futuros clientes, que o interesse da empresa não está apenas em realizar bons negócios (aspecto financeiro), mas, sobretudo, no bem estar das pessoas. Como a empresa atua no ramo de decoração para festas infantis, a participação no projeto é oportuna, uma vez que o filme também tem como público alvo os pais de crianças surdas e ouvintes, além de se conectar ao universo infantil por meio da personagem.

O DVD pretende atingir pessoas de todos os padrões sócio-econômicos, surdos e ouvintes, servir à sociedade como instrumento de informação, de cidadania e promover a acessibilidade. Nosso público-alvo é, portanto, também composto por profissionais da saúde e educação: fonoaudiólogos, médicos, pedagogos, entre outros (com potencial para a compra e/ou indicação dos produtos “nome da empresa”) e preocupados com questões de cidadania, direitos sociais, acesso à cultura, saúde e educação, ou seja, pessoas com perfil para apostarem na escolha de uma marca que se afine com este mesmo perfil.

O marketing cultural se torna, assim, um composto de estratégias de alcance bem mais abrangente, tornando-se, inclusive, um dos instrumentos para a empresa mostrar a sua Responsabilidade Social. Já em se tratando de lucros, em um mercado cuja competitividade é cada vez mais acirrada, o marketing cultural pode ser a diferença para garanti-los.

Funcionários

Este tipo de apoio poderá, ainda, fortalecer o canal de relacionamento entre a empresa e seus funcionários, especialmente para aqueles com alguma deficiência ou que tenham familiares e amigos com necessidades especiais. Trata-se de uma motivação a mais para um trabalho bem feito e comprometido com os esforços da empresa.

Tipo de mídia: DVD

Investindo em uma mídia dessa natureza – um DVD, um recurso audiovisual cuja obra permanece e está sempre acessível, a empresa “(nome da empresa)” obtém não apenas resultados imediatos com a exposição da marca, mas também resultados a médio e longo prazo, ou seja, sempre que o filme for visto, a qualquer tempo. Aliar uma marca a produção de um filme é algo extremamente positivo, especialmente se há um forte caráter social envolvido. É importante para a imagem institucional das empresas contribuírem para o desenvolvimento da comunidade onde estão inseridas.

INVESTIMENTO

A participação da empresa que oferece o apoio cultural poderá ser na forma de cotas (valor a combinar) ou na prestação de serviços que viabilizem a execução da obra. No caso da empresa “(nome da empresa)” isso pode ser traduzido na confecção em espuma (puppet) da personagem infantil que interage com a apresentadora no decorrer do filme.

DEMAIS CONDIÇÕES

- Os autores reservam-se o direito de aterem-se à divulgação única e exclusiva do DVD “Surdez e Língua de Sinais” e o conteúdo referente a esta temática. A divulgação das empresas apoiadoras ocorrerá a partir da vinculação de sua marca, tal qual já definido neste documento. Quando for o caso, e se os autores julgarem oportuno, a empresa “(nome da empresa)” será mencionada como apoiadora cultural do Projeto nas entrevistas concedidas pelos seus realizadores e participantes;
- A empresa tem o direito de mencionar seu apoio cultural, especificamente quanto à produção do DVD “Surdez e Língua de Sinais”, em suas ações e peças de comunicação institucional bem como em seu site institucional, sem qualquer ônus. Os direitos da empresa “(nome da empresa)”, portanto, dizem respeito tão somente a mencionar este apoio. Qualquer outro uso do DVD, do todo ou de suas partes, tais como utilização de imagens, sons, personagens e outros não descritos neste documento, sem expressa autorização de seus autores, configuram desrespeito aos direitos autorais e são passíveis de ônus, na forma da lei;
- Os autores deverão aprovar previamente todo o material de divulgação referente ao Projeto, inclusive comunicados para a imprensa, que a empresa “(nome da empresa)” tencione vincular;
- A empresa “(nome da empresa)” não está autorizada a vincular, utilizar ou associar seu nome ao da “USP – Universidade de São Paulo”, “FMUSP – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo”, “Faculdade de Fonoaudiologia”, “Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Audiologia Educacional” ou qualquer uma de suas unidades, para fins publicitários ou de qualquer outra natureza, sem autorização expressa e formal dessa instituição e de seus representantes máximos;
- O apoio cultural não gera qualquer direito sobre esta obra audiovisual, bem como sobre seus eventuais desdobramentos, tais como produtos gerados por personagens, músicas entre outros. Todos os direitos são de exclusividade e estão reservados aos autores;
- Outras condições e decisões tomadas pelos autores em acordo com a empresa apoiadora, e não expressas neste documento, poderão ser incluídas posteriormente.

Atenciosamente,

Guadalupe Marcondes de Moura
Fga. Mestranda da FMUSP

Ida Lichtig
Orientadora

Contatos:

3392-6484 / 7624-2564 c/ Guadalupe

3091- 8418 (LIF de Audiologia Educacional da FMUSP). E-mails:
guani@bol.com.br / guadalupeмарcondes@bol.com.br

ANEXO D

LETRA DA MÚSICA “GABI” – TRILHA ORIGINAL

Eu conheço uma menina igual a mim ou a você
Bagunceira, atrapalhada, engraçada como o que
Curiosa vê o mundo com sede de conhecer
Ela é muito diferente, igual a mim ou a você

Eu não falo a sua língua, gostaria de aprender
Eu preciso abrir as portas pro seu mundo conhecer

Essa foi minha surpresa, sem (cem) palavras pra dizer
No silêncio, de repente, pude entender você
Pique-pegas, esconde-esconde, pula-pula no colchão
Você sabe me entender quando eu lhe falo com as mãos.

(“Gabi”- Guadalupe M. de Moura e Adriano Rocha)

ANEXO E**AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz, nome e/ou dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido para compor o material audiovisual denominado vídeo informativo educativo “Surdez e Língua de Sinais” de autoria da Fonoaudióloga e pesquisadora Guadalupe Marcondes de Moura. Estou ciente de que o referido vídeo é parte integrante do trabalho de mestrado da pesquisadora, mas que sua exibição e uso não se restringirão apenas ao contexto acadêmico, podendo ser destinado, inclusive comercialmente, à divulgação ao público em geral e/ou para uso em mostras, festivais, eventos, congressos, entre outros.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo os usos acima indicados em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: mídia impressa (livros, revistas, jornais, divulgação científica de qualquer natureza, relatórios, pôster, entre outros) e mídia eletrônica (internet; “home vídeo”, DVD; rádio, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, _____ de _____ de 200 .

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG Nº:
CPF Nº:
Telefone para contato:
Nome do Representante Legal (se menor):

ANEXO F**AUTORIZAÇÃO PARA FILMAGEM EM LOCAIS PÚBLICOS OU PRIVADOS**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo a realização de filmagens no
(a) _____

a fim de compor o material audiovisual denominado vídeo informativo educativo “Surdez e Língua de Sinais” de autoria da Fonoaudióloga e pesquisadora Guadalupe Marcondes de Moura. Estou ciente de que o referido vídeo é parte integrante do trabalho de mestrado da pesquisadora, mas que sua exibição e uso não se restringirão apenas ao contexto acadêmico, podendo ser destinado, inclusive comercialmente, à divulgação ao público em geral e/ou para uso em mostras, festivais, eventos, congressos, entre outros.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo os usos acima indicados em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: mídia impressa (livros, revistas, jornais, divulgação científica de qualquer natureza, relatórios, pôster, entre outros) e mídia eletrônica (internet; “home vídeo”, DVD; rádio, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros).

Declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem do (a) _____, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, _____ de _____ de 200 .

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG Nº:
CPF Nº:
Telefone para contato:

ANEXO G**PROTOCOLO PRÉ-INTERVENÇÃO
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PARA PESQUISA**
Pais ou ResponsáveisPESSOAS:

Nome: _____

Sexo: ☐ Fem. ☐ Masc.

Data de nascimento: _____ Idade: _____

Escolaridade: _____

Profissão/Ocupação principal: _____

Renda familiar: ☐ até R\$ 830,00 (dois salários mínimos)
☐ entre R\$ 830,00 e R\$ 2.075,00 (até cinco salários mínimos)
☐ acima de R\$ 3.735,00 (acima de nove salários mínimos)

Cidade em que reside: _____

Telefones p/ contato: _____

E-mail: _____

DO FILHO (A):

Nome: _____

Sexo: ☐ Fem. ☐ Masc.

Data de nascimento: _____

Idade: _____

Escolaridade (série): _____

Tipo de Escola: ☐ Regular, em classe comum ☐ Regular, em classe especial
☐ Especial ☐ Não seiFilosofia da Escola: ☐ Monolíngüe ☐ Bilíngüe: ênfase na Língua Portuguesa
Oral ☐ Bilíngüe: ênfase na Libras ☐ Não seiTipo e Grau da Perda Auditiva: _____ ☐ Não seiContato com a Libras? ☐ Sim. De que forma? _____
☐ Não

ANEXO G1

Anexo, Tabela 5 - Características dos sujeitos quanto a gênero, idade, grau de parentesco com as crianças surdas, escolaridade, ocupação e renda familiar

Sujeito	Gênero	Idade (anos)	Grau de Parentesco	Escolaridade	Ocupação	Renda Familiar
1	F	24	Mãe	EMC	Do lar	Até 830,00
2	F	46	Tia	EFC	Serviços Gerais	Entre 830,00 e 2075,00
3	F	46	Mãe	EFI	Doméstica	Até 830,00
4	F	44	Mãe	EFC	Costureira	Entre 830,00 e 2075,00
5	F	29	Mãe	EMC	Do lar	Até 830,00
6	F	31	Mãe	EFC	Do lar	Até 830,00
7	F	25	Mãe	EMC	Do lar	Entre 830,00 e 2075,00
8	F	54	Avó	EFI	Do lar	Entre 830,00 e 2075,00
9	F	28	Mãe	EFI	Diarista	Entre 830,00 e 2075,00
10	F	39	Mãe	EMI	Do lar	Até 830,00
11	F	41	Avó	EMC	Do lar	Entre 830,00 e 2075,00
12	F	32	Mãe	EMC	Vendedora	Entre 830,00 e 2075,00
13	F	28	Mãe	EFI	Serviços Gerais	Até 830,00
14	M	32	Pai	EMC	Manobrista	Até 830,00
15	F	31	Mãe	EFI	Doméstica	Até 830,00
16	F	31	Mãe	EMC	Do lar	Até 830,00
17	F	47	Mãe	SC	Psicóloga	Entre 830,00 e 2075,00
18	M	28	Pai	SC	Administrador de Sistemas	Acima de 3735,00
19	F	27	Mãe	EFI	Garçonete	Até 830,00
20	F	29	Mãe	EFC	Do lar	Até 830,00
21	F	38	Mãe	EFI	Do lar	Até 830,00
22	F	26	Mãe	EMC	Do lar	Até 830,00
23	F	40	Mãe	EFC	Do lar	Até 830,00
24	F	23	Mãe	SI	Assistente Jurídico	Até 830,00
25	F	29	Mãe	EMC	Operadora de Telemarketing	Até 830,00
26	F	26	Mãe	EMC	Operadora de Caixa	Até 830,00
27	F	40	Mãe	EMC	Empresária	Acima de 3735,00
28	F	27	Mãe	SC	Administradora de Empresa	Acima de 3735,00

Legenda:

F = Feminino
M = Masculino

EFI = Ensino Fundamental Incompleto
EFC = Ensino Fundamental Completo
EMI = Ensino Médio Incompleto
EMC = Ensino Médio Completo
SI = Superior Incompleto
SC = Superior Completo

Anexo, Tabela 6 - Características das crianças surdas quanto a gênero, idade, tipo de perda auditiva, grau de perda auditiva, escolaridade, tipo e filosofia da escola em que a criança estuda e grau de contato com a Libras.

Criança/ Sujeito	Gênero	Idade (anos)	Tipo de Perda Auditiva	Grau de Perda Auditiva	Escolaridade	Tipo e Filosofia da Escola	Contato com Libras
1 / S1	F	03	N	SB	Creche	Regular monolíngüe	Sim
2 / S2	F	11	N	P OD, MS OE	3ª série	Regular em classe especial, bilíngüe	Sim
3 / S3	M	09	N	S OD, M OE	3ª série	Regular em classe comum, monolíngüe	Sim
4 / S4	F	09	N	SB	3ª série	Regular em classe comum, monolíngüe	Sim
5 / S5	M	08	N	PB	2ª série	Especial, bilíngüe	Sim
6 / S5	F	07	N	PB	1ª série	Especial, bilíngüe	Sim
7 / S6	F	07	N	PB	1ª série	Especial, bilíngüe	Sim
8 / S7	M	08	N	S OD, P OE	1ª série	Regular em classe comum, monolíngüe	Sim
9 / S8	F	05	Não soube informar	Não soube informar	Pré-escola	Regular em classe comum, monolíngüe	Não
10 / S9	M	06	N	SB	Não soube informar	Regular em classe comum, monolíngüe	Não
11 / S10	M	08	N	PB	1ª série	Especial, bilíngüe	Sim
12 / S11	M	02	N	PB	Creche	Regular monolíngüe	Não
13 / S12	M	03	N	PB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
14 / S13	M	05	N	SB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
15 / S14	M	03	N	PB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
16 / S15	F	06	Não soube informar	Não soube informar	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
17 / S16	M	03	N	PB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim

18 / S17	F	15	N	PB	Ensino médio	Especial, bilíngüe	Sim
19 / S18	M	04	N	S OD, M OE	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
20 / S19	F	05	N	PB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
21 / S20	M	05	N	SB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
22 / S21	M	05	N	PB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
23 / S22	M	03	N	PB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
24 / S23	F	04	N	PB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
25 / S24	F	03	N	SB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
26 / S25	M	03	N	SPB	Creche	Especial, bilíngüe	Sim
27 / S26	M	07	N	PB	Pré-escola	Especial, bilíngüe	Sim
28 / S27	F	08	N	PB	Pré-escola	Especial, monolíngüe	Não
29 / S28	M	03	N	Não soube informar	Não freqüenta	Não freqüenta	Não

* O Total de crianças é 29, pois uma das mães (S5) tem dois filhos surdos (crianças 5 e 6).

Legenda:

F = Feminino

M = Masculino

N = Neurossensorial

OD = Orelha Direita

OE = Orelha Esquerda

M = Moderada

S = Severa

P = Profunda

SB = Severa Bilateral

PB = Profunda Bilateral

MS = Moderada à Severa

SPB = Severa à Profunda Bilateral

ANEXO H**PROTOCOLO PÓS-INTERVENÇÃO****Sobre o Vídeo**

OBS: Escolha apenas UMA das opções em cada questão

1. Você dispõe de TV em casa?

() Sim () Não

2. Você dispõe de equipamento de reprodução (vídeo cassete, DVD)?

() Sim Qual? _____ () Não

3. O que achou do vídeo?

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim

4. Você assistiria a esse vídeo novamente?

() Sim () Não () Não sei

5. Acha que foi um bom meio para esclarecer dúvidas?

() Sim () Não () Não sei

6. Ter assistido a esse vídeo logo que você recebeu a notícia de que seu (a) filho (a) não escutava teria ajudado a minimizar sentimentos de confusão, medo, ansiedade, angústia etc.?

() Sim () Não () Não sei

7. Quanto ao conteúdo (informações contidas no vídeo):

() Suficiente

() Insuficiente. Sugestão de temas: _____

() Excessivo

() Não sei

8. Quanto à linguagem (clareza das informações):

() Muito fácil. Consegui compreender a tudo que assisti

() Fácil. Consegui compreender a maior parte

() Difícil. Consegui compreender apenas uma parte

() Muito difícil. Não compreendi

() Não sei

9. Quanto à imagem (filmagem, iluminação):

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim

10. Quanto ao som:

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim

11. Quanto à duração:

() Adequado
() Longo
() Curto
() Não sei

12. Quanto à personagem em espuma (a boneca “Gabi”)?

() Gostei. Adequada para o vídeo () Não gostei. Inadequada para o vídeo

13. Gostaria de assistir ao vídeo tendo a oportunidade de interagir com o mesmo (parar a cena, voltar, rever uma imagem, ouvir novamente uma explicação etc.)?

() Sim () Não () Não sei

14. Em sua opinião essa interatividade teria contribuído para que você tivesse se beneficiado mais das informações apresentadas?

() Sim () Não () Não sei

15. Outros comentários, críticas e sugestões:

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida CJM. *Uma nova ordem audiovisual: novas tecnologias de comunicação*. São Paulo: Summus; 1988.

Bargmann DLN. *Produção audiovisual na USP*. [dissertação]. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo; 2000.

Bassetto MCA. *Triagem auditiva em berçário*. In: *Neonatologia: um convite à atuação fonaudiológica*. Ed. Lovise; 1998.

Basso I, Amaral SF. *Competências e habilidades no uso da linguagem audiovisual interativa sob enfoque educacional*. [artigo online]. Campinas: ETD - Educação Temática Digital; 2006. v.8. [citado 20 jun 2008]. Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=922&article=354&mode=pdf>.

Belkin N, Robertson SE. Information science and the phenomenon of information. *Journal of the American Society for Information Science*, Jasis; 1976.

Boog MCF et al. *Utilização de vídeo como estratégia de educação nutricional para adolescentes: "comer... o fruto ou o produto?"*. Campinas: Revista de Nutrição da PUCCAMP; 2003. v. 16, n. 3.

Bortoliero S. *A produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras: a experiência do Centro de Comunicação da Universidade Estadual de Campinas* [artigo online]. 25º Cong Bras. de Ciências da Comunicação; 2002; Salvador, BA. [citado 20 jun 2008]. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP9bortoliero.pdf

Brasil. Presidência da República. LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. *Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília (DF). 1961. (revogada pela Lei nº 9.394 de 1996, com exceção dos artigos 6º a 9º alterados pela Lei nº 9.131 de 1995).

Brasil. Ministério da Saúde. Resolução 10/96. *Dispõe sobre objetivos, riscos, privacidade das pesquisas em humanos entre outros aspectos*. Brasília (DF). 1996.

Brasil. Secretaria de Educação Especial. *A educação dos surdos*. Organizado por Rinaldi G et al. Séries atualidades pedagógicas. Brasília: MEC/ SEESP; 1997.

Brasil. Presidência da República. Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, reconhecendo-a como meio legal de comunicação e expressão. Brasília (DF). 2002.

Brasil. *Presidência da República*. Decreto Lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília (DF). 2005.

Buckland MK. *Information as thing*. Journal of the American Society for Information Science; 1991. v.42, n.5, p.351-360.

Conselho Federal de Medicina. Resolução CFM nº 1.643/2002. Define e disciplina a prestação de serviços através da Telemedicina. Brasília (DF); 2002.

Capovilla FC. Organizador. *Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para os surdos*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 1998.

Capovilla FC, Raphael WD. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira*. 2a ed. v. 1 e 2. São Paulo: Edusp e Imprensa Oficial; 2001.

Cárnio MS, Couto MIV, Lichtig I. *Linguagem e surdez*. In: Lacerda CBF et al. *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe*. São Paulo: Plexus; 2000.

Castells M. *A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2004.

Chaves E. *Ensino a distância: conceitos básicos*; [artigo online]. 1999 [citado 15 abril 2006]. Disponível em: <http://www.edutecnet.com.br/tecnologia%20e%20Educacao/edconc.htm>

Comparato D. *Da criação ao roteiro*. 5a ed. Rio de Janeiro: Rocco; 2000.

Costa C. *Educação, imagens e mídias*. São Paulo: Cortez; 2005.

Costa JR. *Recursos audiovisuais em educação*. 3a ed. Brasília: Luzir; 1962.

De Fleur M. *Theories of mass communication*. 2a ed. New York: McKay; 1970.

Eslinger PJ. *Desenvolvimento do Cérebro e Aprendizado*. Ser Professor Universitário [online]. 2006 [citado 21 mar 2008]. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=8&texto=345>

Ferreira-Brito L. *Comparação de aspectos lingüísticos da LSCB e do português*. (Conferência apresentada no II Encontro Nacional de Pais e Amigos de Surdos; 1986; Porto Alegre, RS).

Ferrés J. *Vídeo e educação*. 2a ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.

Forest Book. *Videos, CD-ROMs & DVDs about deafness and deaf issues*, England: Catalogue; 2008.

Freire P. *Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3a Ed. São Paulo: Centauro; 1980.

Freire P. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP; 2000.

Freitas F. *Mídia e saúde: a notícia de saúde no MGTV 1ª edição (Rede Globo), uma análise sobre o jornalismo público e sensacionalista* [online]. Revista Digital Comunicação & Saúde; 2006. v. 3; n. 5 [citado 20 jun 2008]. Disponível em: http://www.comunicasaude.com.br/rev_artigos5.htm

Hayes RM. *Measurement of information*. In: Vakkari P, Cronin B. *Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives*. London, Proceedings Tampere, Finland, 26-28, August 1991. Los Angeles: Taylor Graham; 1992.

Hartley DS. *Development of a 'communication disability model' and its application to service delivery in less developed countries*. [thesis] submitted for the degree of Doctor of Philosophy in the Faculty of Science .The institute of Child Health , University of London; 1997.

Karnopp LB. *Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da Libras: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. [dissertação]. Porto Alegre: Instituto de Letras e Artes – PUCRS; 1994.

Kucinski, B. *Jornalismo, saúde e cidadania*. Botucatu: Interface - Comunicação, Saúde, Educação; 2000. n 1.

Kyle J. (2001). *Deaf Children Learning To Sign*. Rev. online da Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas; 2001. v. 2, n. 3, p. 27-37, jun/01.

Le Coadic YFA. *Ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos; 1996.

Lichtig I, organizadora. *Programa de intervenção fonoaudiológica com famílias de crianças surdas (PIFFCS)*. Carapicuíba: Pró-Fono; 2004.

Limongi-França AC. *Qualidade de vida no trabalho: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial*. 2a ed. São Paulo: Atlas; 2004.

Lodi ACB. *Educação bilíngüe para surdos* In: Lacerda CBF, Nakamura H, Lima MC, organizadores. *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe*. São Paulo: Plexus; 2000.

Marcondes GM, Lichtig I. Conhecimento dos Fonoaudiólogos Especializando sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. 2004. (Apresentado no I Simpósio de Especialização e Aprimoramento em Fonoaudiologia da FMUSP; 2 dezembro 2004; São Paulo. Resumo)

Marconi MA, Lakatos EM. Fundamentos de metodologia científica. 6a ed. São Paulo: Editora Atlas; 2007; p.189 e p.203-213.

Maya AA. *Turismo y medio ambiente*. México, D.F.; In: *Programa de Las Naciones Unidas para el Medio Ambiente*; 1984.

Medeiros RHAA, Nunes MLT. *A influência do vídeo de informação adicional em pacientes submetidas à mastectomia: o estudo da ansiedade*. [online] Psicologia em Estudo, v. 6, n. 2, p. 95-100, jul./dez. Maringá; 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a13.pdf>

Moisés M. *A educação em saúde, a comunicação em saúde e a mobilização social na vigilância e monitoramento da qualidade da água para consumo humano* [online]. Jornal do Movimento Popular de Saúde/MOPS. 2003 [citado 18 jun 2008]. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/artigo2.pdf>

Monteiro SS, Vargas EP, Cruz M. *Educação, Comunicação e Tecnologia Educacional: aproximações com campo da saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.

Moura MC. O surdo – caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter; 2000.

Napolitano M. *Como usar a televisão na sala de aula*. 4a ed. São Paulo: Contexto; 2002.

Nascimento RA do. *O vídeo documentário como instrumento de registro de fenômenos geográficos*. João Pessoa: cartex/PRAC/COEX/NUDOC/UFBP; 1995.

Natansohn G. Comunicação e Saúde: interfaces e diálogos possíveis [online]. Rev. Econ. Política de Las Tecnologías de la Información y Comunicación, vol.6, n.2, Mayo – Ago; 2004. [citado 18 jun 2008]. Disponível em: <http://www.eptic.com.br>.

Pimenta DN, Leandro A, Schall VT. *A estética do grotesco e a produção audiovisual para a educação em saúde: segregação ou empatia? O caso das leishmanioses no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública, v.23, n.5; 2007 [citado 18 jun 2008]. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v23n5/18.pdf>

Pinheiro LVR. *Informação – esse obscuro objeto da ciência da informação*. In: Morpheus; 2004. Ano 2, n. 4.

Pretto N L. *Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia*. Campinas: Papyrus; 1996.

Prieto RG, Camargo RB, coordenadores. *Direito à educação: focalizando a surdez*. São Paulo: FEUSP; 2007.

Quadros RM. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.

Rocha FT, Rocha AF, Luchini FLP, Fuini MG, Rodella EC, Ribeiro, GD. *Um estudo eletroencefalográfico de uma língua de sinais*. [artigo online]; 2003. [citado 20 jun 2008]. Disponível em: <http://www.enscer.com.br/pesquisas/artigos/libras/libras.html>.

Rodrigues N. *Organização neural da linguagem*. In: Moura MC, Lodi ACB, Pereira MCC, organizadores. *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Tec Art; 1993. Série de Neuropsicologia, 3.

Sabanai NL. *A evolução da comunicação entre e com surdos no Brasil*. Revista Helb [online], ano I, n. 1, ago; 2006. [citado 15 abril 2006]. Disponível em: <http://www.unb.br/il/let/helb/linhadotempo/index.php>.

Sacks O. *Vendo vozes - uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago; 1990.

Sánchez CM. *Vida para os surdos*. In: Revista Nova Escola; set/1993.

Saracevic T. *The concept of "relevance" in information science: an historical review*. In: Saracevic T. *Introduction to information science*. New York: R. R. Bowker Co.; 1970.

Siegel S. *Estatística não paramétrica (Para as ciências do comportamento)*. São Paulo: Editora McGraw-Hill; 1975.

Silva ABP, Pereira MCC. *O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor*. [dissertação]. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp; 2003.

Skliar C, organizador. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação; 1998.

Smith JK. *O aprendizado na era da informação* [artigo online]. Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa - Departamento de Tecnologia da Informação; 2006 [citado 13 fev 2008]. Disponível em: <http://www.ipep.edu.br/portal/art1.html>.

Stokoe WC. *Sign language structure: an outline of the communication systems of the American deaf*. Studies in Linguistics, Occasional Papers, 8. Buffalo, NY: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo; 1960.

Watts H. *On Camera*. São Paulo: Summus; 1990.

Wolf M. *Teorias da comunicação*. 4a ed. Lisboa: Editorial Presença; 1995.

Woll B. *Development of signed and spoken languages*. In: *Issues in deaf education*. London: David Fulton Publishers; 1998. Section 2.

Zeman J. *Significado filosófico da noção de informação*. In: *O conceito de informação na ciência contemporânea*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1970. (Série Ciência e Informação, n.2).

9. CONSULTAS BIBLIOGRÁFICAS E FÍLMICAS

Alves A, Afonso C, Vieira G, Nakano M. *Como fazer um audiovisual*. Petrópolis: Vozes; 1987.

Dante GP. *Gestión de información en las organizaciones: principios, conceptos y aplicaciones*. Santiago: CECAPI; 1998.

Direito à educação: focalizando a surdez [DVD]. Coordenação de Rosangela G. Prieto. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; 2007. 1 DVD, 20 min. Color. Son.

Golding P, Elliott P. *Making the news*. Londres: Longman; 1979.

Greco A. *Cérebro: a maravilhosa máquina de viver*. São Paulo: Terceiro Nome; 2006

Haesbaert R, organizador. *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói, RJ: EDUFF; 1998.

Lacerda CBF, Caporali SA. *A família ouvinte de sujeitos surdos: reflexões a partir do contato com a língua de sinais – Temas sobre o Desenvolvimento*; 2003. v.12, n. 67.

Lichtig I, Couto MIV, Sousa LP, Iderlha PN. *Estratégias de comunicação utilizadas pelas mães para transmitir tarefas para crianças ouvintes e surdas*. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2001. Ano 6, n. 1, Jun/01.

McQuail D. *The influence and effects of mass media*, in: Curran J, Gurevitch M, Woolacott J, editors. *Mass communication and society*. Londres: Arnold; 1977.

Millers S. *Experimental design and estatistic*. Methuen; 1975.

Moura MC et al. *História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais*. In: Lopes-Filho O. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: TecMedd; 2005.

Rieser R. *The social model of disability*. In: *Joint Conference on Children. Images and disability*; 1996.

Rose S. *The future of the brain*. Reino Unido: Oxford University Press; 2005

Roslyng-Jensen, AMA. *Importância do diagnóstico precoce na deficiência auditiva*. In: Lopes-Filho O. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca; 1997. cap. 14, p. 297.

Segre M, Ferraz FC. *O conceito de saúde*. Rev. Saúde Pública; 1997.

Turma da Mônica em Cine Gibi – O Filme [filme]. Direção de José Márcio Nicolosi e Maurício de Sousa. Brasil; 2004. 1 DVD, 102min. infantil. animação. color. son. quadrante em Libras.

The National Deaf Children Society: Information for Families [DVD]. London, England; 2005. color. son.

Xokó: Identidade, Memória e Cultura [Filme]. Direção de Eraldo da Silva Ramos Filho. Nossa Senhora do Socorro: Vange Produções de Vídeo; 2000. 1 cassete VHS, 18min. color. son.

Zhan L. *Quality Of Life: Conceptual and Measurement Issues*. J Adv Nurs; 1992.

Maggi A. *Intervenção psicológica com pais de crianças portadoras de fissuras labiais e/ou palatais* [tese]. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 1999.